foto loucomotiv

JDE 77
ANO XIII

JORNAL DE ESPIRITISMO

JULHO . AGOSTO . 2016

JORNAL BIMESTRAL DA ASSOCIAÇÃO DE DIVULGADORES DE ESPIRITISMO DE PORTUGAL

DIRETOR . ULISSES LOPES | PREÇO € 0.50

Eutanásia: sim ou não?

Questão complexa, a eutanásia foi nota de imprensa da Associação de Médicos-Espíritas do Norte: pelo interesse despertado, resumimos e adaptamos a informação, na certeza de que encontrará diversos esclarecimentos que interessa reter...

Cooperar: florir e frutificar

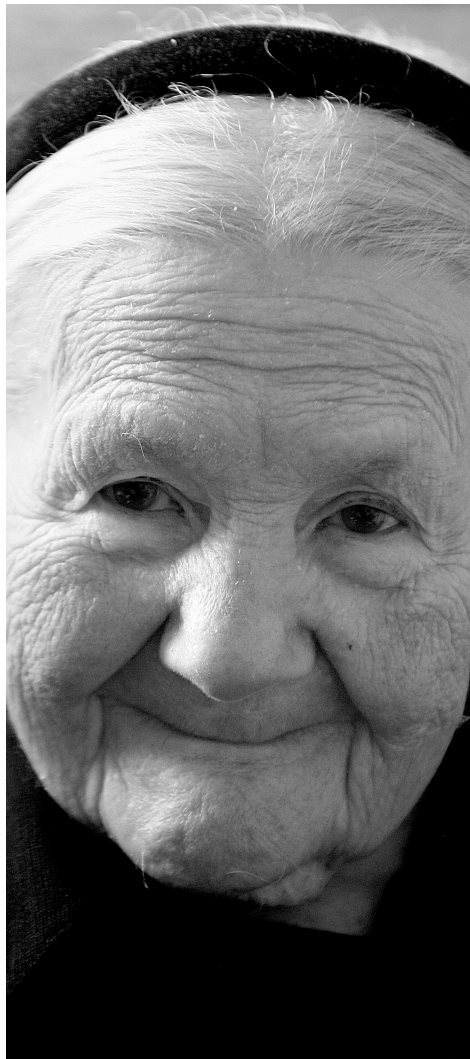
foto ulisses.com.pt

Temos vindo a ver plantas a florir por toda a parte.
Flores simples, compostas, inflorescências... Piso escorregadio, mesmo sem chuva a criar lama, se se vê ali o apogeu de cada planta. Ilusão implantada. Bem, se for florista, no seu ângulo, não se aplica...
Como não pertencemos a essa minoria profissional, até sem sermos botânicos, vemos a vegetação como uma série de organismos que cumprem funções em ciclos estendidos em ritmo variável, desde a semente à produção pelo desenvolvimento, se for o caso, de novas sementes.
A flor tem de ser vistosa, atrativa, não para nós humanos, mas para os insetos que incrementam a polinização, processo natural pelo qual se estabelece um dos principais padrões que caracterizam a natureza – a cooperação. Sem polinização poderia haver uma crise superaguda de produção de sementes e frutos férteis. Seria o advento de uma grande fome.

Piso escorregadio, mesmo sem chuva a criar lama, se se vê ali o apogeu de cada planta.

Imagine que tem uma cerejeira no quintal. Quando floresce é uma alegria para os olhos. Breve, está feito. Os ovários estão praticamente todos fertilizados. A árvore perde a graça, pétalas caem, enfeia até.
O apogeu ainda está para vir. Tem epicentro na semente dentro do fruto que se virá a formar. É ali que está o ADN de uma nova cerejeira, quando as condições se recriarem para novos seres vegetais chegarem a ter um lugar ao sol.
Entre humanos é parecido.
Floresce a juventude. Vêm depois brancas no cabelo e rugas na face. São os atestados de amadurecimento, quando se percebe com clareza que cada um de nós molda a sua realidade dia a dia.
As vidas sucessivas ocorrem como momentos especiais de aprendizagem. Amor e sabedoria são sementes que surgem e caminham para amadurecer no percurso das faixas etárias, coroados com justo brilho em idade posterior.
Por isso, quando um dia a pele envelhecer, a melanina já não escurecer o cabelo, os músculos sentirem alguma contenção, haveremos de deixar sorrir a alma – estamos mais perto do apogeu desta passagem, quando mais facilmente afeto e conhecimento jorrarem mais vezes mais intensamente do ser.
Um dos frutos desse teor vai no sentido de bem perceber, como dizia um homem sábio entre os pares, "não nos cabe combater o mal, mas sim afirmar o bem. Não há sombra com vida própria, pois ela mesma desaparece com a passagem de um simples raio de luz".
Para juntar à sua, fazemos votos de que encontre luzes nestas escritas, reunidas a partir do trabalho voluntário de variados colaboradores – boa leitura!

Zegota - resgate

foto dr

Durante a II Grande Guerra Mundial, Irena conseguiu uma autorização para trabalhar no gueto de Varsóvia, na Polónia, como especialista de canalizações. Mas os seus planos iam mais além... sabia quais eram os planos dos nazis relativamente aos judeus (sendo alemã).
Irena trazia crianças escondidas no fundo da sua caixa de ferramentas e levava um saco de serapilheira na parte de trás da sua camioneta que se destinava a crianças maiorzitas.
Também levava na parte de trás da camioneta um cão, a quem ensinara a ladrar aos soldados nazis quando entrava e saía do Gueto. Claro que os soldados não queriam nada com o cão e o ladrar deste encobriria qualquer ruído que os meninos pudessem fazer.
Enquanto pôde manter este trabalho, conseguiu retirar e salvar cerca de 2500 crianças.
Por fim os nazis apanharam-na. Souberam dessas atividades e em 20 de outubro de 1943. Irena Sendler foi presa pela Gestapo e levada para a infame prisão de Pawiak, onde foi torturada. Num colchão de palha, encontrou uma pequena estampa de Jesus com a inscrição: "Jesus, em vós confio", e conservou-a consigo até 1979, quando a ofereceu ao papa João Paulo II.
Ela, a única que sabia os nomes e moradas das famílias que albergavam crianças judias, suportou a tortura e negou trair os seus colaboradores ou as crianças ocultas. Quebraram-lhe os ossos dos pés e das pernas, mas não conseguiram quebrar a sua determinação. Já recuperada foi, no entanto, condenada à morte. Enquanto esperava pela execução, um soldado alemão levou-a para um "interrogatório adicional". Ao sair, ele gritou-lhe em polaco: "Corra!".

Gente como Irena Sendler, que salvou milhares de vidas praticamente sozinha, é extremamente necessária.

Esperando ser baleada pelas costas, Irena, contudo, correu por uma porta lateral e fugiu, escondendo-se nos becos cobertos de neve até ter certeza de que não tinha sido seguida. No dia seguinte, já abrigada entre amigos, Irena encontrou o seu nome na lista de polacos executados que os alemães publicavam nos jornais.
Os membros da organização Zegota ("Resgate") tinham conseguido deter a execução de Irena, subornando os alemães, e Irena continuou a trabalhar com uma identidade falsa.
Irena mantinha um registo com o nome de todas as crianças que conseguiu retirar do gueto, guardadas num frasco de vidro enterrado debaixo de uma árvore no seu jardim.
Depois de terminada a guerra tentou localizar os pais que tivessem sobrevivido e reunir a família. A maioria tinha sido levada para as câmaras de gás. Para aqueles que tinham perdido os pais, ajudou a encontrar casas de acolhimento ou pais adotivos.
Em 2006 foi proposta para receber o Prémio Nobel da Paz... mas não foi selecionada. Quem o recebeu foi Al Gore por sua campanha sobre o aquecimento global.
Passaram já mais de 60 anos, desde que terminou a II Guerra Mundial. Este e-mail foi reenviado de modo comemorativo, em memória dos 6 milhões de judeus, 20 milhões de russos, 10 milhões de cristãos (inclusive 1900 sacerdotes), 500 mil ciganos, centenas de milhares de socialistas, comunistas e democratas e milhares de deficientes físicos e mentais e que foram massacrados.
Agora, mais do que nunca, com o recrudescimento do racismo, da discriminação e os massacres de milhões civis em conflitos e guerras sem fim em todos os continentes, é imperativo assegurar que o Mundo nunca esqueça. Gente como Irena Sendler, que salvou milhares de vidas praticamente sozinha, é extremamente necessária.

(Em circulação na internet)

"Intrigam-me os meus sonhos"

Surgem questões das mais variadas entre edições do «Jornal de Espiritismo» - escolhemos algumas, pois quem sabe se um destes alvitres não é também seu?

foto arquivo

Escreve assim Lorine: «**Boa noite. Quando era pequena a minha mãe diz que eu peguei num chapéu do meu avô paterno e o abracei - nunca o conheci, ele faleceu exatamente 15 dias antes de eu nascer - e lembro-me perfeitamente da sua voz. Abracei e senti o cheiro. Não devia de ter mais do que 3 anos de idade. Porém, o facto que me traz aqui e que me intriga são os meus sonhos.**

Houve um dia que sonhei que uma prima minha tinha morrido. Nós quase não temos contacto. Passados 2-3 dias o pai dela foi para o hospital com um princípio de um AVC.

Sonhei que ia sair um hexágono no plano vertical em geometria e saiu no dia a seguir.

Sonhei que tinha um coágulo na boca e que o cuspi para a mão (era grande, deveria ter uns 3 cm) e passados 2-3 dias a minha avó tem um enfarte no baço.

Sonhei que a minha avó tinha um cancro, só que eu tinha os sintomas do tratamento. Sentia um calor insuportável, mesmo como se estivesse a arder. De facto passado um mês mais ou menos foi detetado um cancro à minha avó, que acabou por sofrer imenso e faleceu na semana passada.

Sonhei com ela esta noite, ela parecia viva, mas algo em mim dizia que ela não pertencia a este mundo. Estava bem. Como antes da doença.

Antes desta minha avó falecer, sonhei com outra tia (filha da minha avó) que faleceu há 3 anos. Ela também parecia viva, mas eu tinha noção que ela pertencia ao mundo dos mortos.

Eu não sei se são coincidências, mas ocorrem me muitas vezes. São sonhos que eu não consigo controlar, muito vividos e que me cansam muito.

Gostaria de saber se é possível eu fazer o contacto com os espíritos desta maneira. Não sei se foi o melhor local para fazer estas questões. Desculpe, muito obrigada e boa noite!».

A resposta seguiu no dia seguinte: «Olá, Lorine. É possível que sim, que sejam contactos esporádicos com pessoas com quem tenha eventualmente algum tipo de ligação. Porém, não se perturbe.

Os sonhos por vezes são recordados com maior ou menor ruído, é normal. Pode ver o vídeo que a ADEP fez há uns anos sobre esse tema que está no seu canal do Youtube e que resume o assunto, sem o fechar, claro - sono e sonhos.

Não sabemos se tem o hábito de orar com sinceridade, antes de dormir. Se não tiver, experimente um destes dias nessa altura juntar no seu coração todos os bons sentimentos de que é capaz, pense em Deus, fale com ele um pouco sobre as suas esperanças, sonhos, desejo de que toda a Terra se harmonize a favor do bem comum.

Com essa boa sintonia vibratória quem sabe os amigos espirituais não encontrarão mais recursos para que não sinta qualquer tipo de peso em torno desses sonhos?

Os sonhos por vezes são recordados com maior ou menor ruído, é normal.

À parte isso, parece ser uma pessoa portadora de alguma sensibilidade. Procure estudar um pouco as questões da espiritualidade. Vá lendo quando puder «O Livro dos Espíritos». Se não o conhece ainda vai ter uma boa surpresa, e disponha deste email para algo em que possamos ajudar.

Caso deseje encontrar-se com outras pessoas da sua idade que gostem de estudar estes assuntos, veja por favor na listagem do site da ADEP os contactos das associações e quem sabe não pode também trocar impressões, dentro do crivo do seu bom senso, com pessoas afins?

Deixamos saudações fraternas, com votos de muita paz.

ADEP».

"Algo não nos deixa ser felizes"

Bernardete diz assim: «**Boa tarde. Estou casada há 11 anos e sempre tivemos as dificuldades no nosso relacionamento. No entanto, de há um ano para cá cada vez está pior. Às vezes acho que há algo que não nos deixa ser felizes. Será que nos podem ajudar?**».

Resposta: «Bom dia, Bernardete. Recebemos a sua mensagem. Oxalá tudo esteja melhor. Mesmo quando tudo parece esboroar-se em redor, é importante perceber que somos nós próprios em grande medida os criadores da nossa realidade.

O apoio espiritual numa associação espírita idónea, perto do local em que mora, pode ajudar. Procure a reunião de atendimento, onde poderá conversar em privado com alguém que terá tido formação para ouvir e aconselhar dentro das limitações e da sabedoria relativa que todos estamos a angariar. Veja no site da ADEP onde existem associações espíritas espalhadas por Portugal. Não conhecemos todas, mas pode procurar uma em que se sinta bem e onde possa encontrar apoio para se reequilibrar, sendo certo que nenhuma que seja espírita lhe vai cobrar o que quer que seja pelo apoio que vier a dar.

A nossa tendência é sempre essa. Equilibramo-nos. No fundo somos um sistema que procura funcionalidade, equilíbrio, dentro das leis da natureza, físicas e espirituais, que ordenam a evolução pessoal e coletiva. Hora a hora Deus melhora, diz o povo. Evite sentimentos que nos afastam do Evangelho e propicie no seu interior sentimentos afetuosos sempre que puder. Isso melhora muito as sintonias. Jesus ajuda sempre.

Disponha.

ADEP - adep.pt

FICHA TÉCNICA

Jornal de Espiritismo
Periódico Bimestral
Director: Ulisses Lopes
Editor: ADEP **Redator:** Pedro Pereira
Maquetagem: Pedro Oliveira
Fotografia: ulisses.com.pt e Arquivo
Tiragem: 2000 Exemplares
Registado no Instituto da Comunicação Social com o n.º 124325
Depósito Legal: 201396/03

Administração e Redacção
ADEP - Rua do Espírito Santo, N.º 38, Cave
Nogueira – 4710-144 BRAGA

Assinaturas
Jornal de Espiritismo
Apartado 161
4711-910 BRAGA
E-mail
jornal@adeportugal.org

Conselho de Administração
Noémia Margarido, Isaías Sousa

Publicidade
Apartado 161
4711-910 BRAGA
pub@adeportugal.org
Propriedade
Associação de Divulgadores de Espiritismo de Portugal

ADEP
NIPC 504 605 860
Apartado 161
4711-910 Braga
E-mail:
adep@adeportugal.org
http://www.adeportugal.org

Impressão
Oficinas de S. José – Braga

Federação Espírita Portuguesa: uma história de 90 anos

A Federação Espírita Portuguesa (FEP) celebrou o seu 90.º aniversário pelas 15h00 do dia 28 de maio, sábado, na Amadora. Os presentes ficaram a saber um pouco mais da história da Federação, que começou em 1926.
Foi lançado na altura um selo comemorativo com a conhecida frase reencarnacionista "nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei".
É do conhecimento geral a sua dissolução ordenada pelo regime fascista de Salazar no século XX, tendo-se no entanto prontamente reorganizado, a partir do zero, assim que a Revolução dos Cravos, em 25 de abril de 1974 restituiu ao povo português, entre outros, o direito de associação.
Pode visitar a FEP na Praceta Casal de Cascais, lote 4 r/c A, Alto da Damaia, Amadora, no seu horário de funcionamento. As infirmações mais importantes para esse efeito estão no seu site - www.feportuguesa.pt

Congresso Espírita Mundial

Lisboa recebe o próximo Congresso Espírita Mundial entre 7 e 9 de outubro - a organização está a cargo da Federação Espírita Portuguesa (FEP) que trabalha em parceria com o Conselho Espírita Internacional (CEI).
Até início de junho já estavam 27 países representados, sendo a maioria formada por portugueses e brasileiros. Rivalizam depois em número de inscritos no congresso a Espanha a Suíça e a França.
O tema central deste Congresso Mundial é "EM DEFESA DA VIDA"; vida, nas suas diversas formas e etapas. Os oradores desdobram-no em conferências e mesas-redondas de espetro diverso.
Encontra diversas personalidades portuguesas e estrangeiras no site oficial do congresso - http://8cem.com – com registos de vídeo a declararem as razões pelas quais consideram este congresso de elevada importância.

Departamento Infanto-juvenil

O Departamento Infanto-Juvenil da FEP está sempre a criar dinâmicas novas para proporcionar ferramentas que impulsionem a actividade das associações espíritas nesta área tão importante.
Está a aparecer em breve a família Silva, que vai protagonizar mais uma destas iniciativas. Se for acompanhando o site de divulgação das atividades do DIJ - https://fepgcndij.wordpress.com – vai ter boas surpresas!

Obsessões reforçadas

Gláucia Lima, psiquiatra e conhecedora dos conteúdos da doutrina espírita, dá continuidade a esta secção do jornal e elucida sobre os problemas expostos.

"Passo todo o dia em casa a pensar como hei de fazer para sair dela. Deixei de trabalhar, porque tinha que me expor. Tenho medo de falar com estranhos e sinto-me permanentemente julgada. Só estou bem em casa, tenho medos e ansiedade. Acha que isso é uma obsessão?"

Gláucia Lima - Os sintomas referidos parecem enquadrar-se na condição da "Fobia Social", na qual o medo e a ansiedade são sintomas centrais, podendo em casos extremos levar a pessoa a uma sensação de pânico.

As fobias, de uma forma geral, são as perturbações de ansiedade mais frequentes na população geral, acometendo uma para oito pessoas em média. Em Portugal segundo o "Relatório Nacional Portugal em Números de 2013", **ocupava o percentual de 13,7%** (Fobia Social + Fobia específica); para 4,4% de Perturbação Obsessivo-compulsiva; 2,3% para Perturbação de pânico; 2,1% para a Perturbação de ansiedade generalizada.

Vejamos estas palavras: "A Fobia – refere-se a um medo exagerado, irracional, repetido e incoercível relativamente a um objecto específico, circunstância ou situação ou a uma representação dos mesmos". Manual de Psiquiatria Clínica. LIDEL, 2014.

O principal sintoma **é a ansiedade excessiva** na presença de outra pessoa e está relacionada com o medo de ser avaliado pelo outro. Pode ser:

1. Circunscrita – a uma ou poucas situações como comer, escrever ou falar em público.

2. Generalizada – a grande número de situações como usar sanitários públicos, falar com estranhos, superiores hierárquicos ou qualquer situação em que a pessoa possa ser **julgada, observada ou avaliada.**

No seu caso em particular, parece ser mais um acaso de "Fobia social," no qual foi restringindo a sua vida, pelos seus medos, que se foram acentuando e transformando-se em fobias, alcançando uma dimensão disfuncional, que a levou a deixar de trabalhar.

É de referir que estes quadros normalmente se iniciam numa idade precoce, habitualmente na adolescência, idade em que o indivíduo está a afirmar a sua personalidade, entre os 13-20 anos, e que também pode trazer as recordações do passado inscritas de forma vaga ou de maneira mais ostensiva na sua memória.

É caracterizado pelo medo de se sentir o centro das atenções, de ser permanentemente observado ou julgado negativamente. E, numa visão espírita, acredita-se que esteja relacionado com as reminiscências passadas, quando ter sido centro das atenções levou a consequências negativas, desagradáveis ou até mesmo à morte.

Os eventos sociais são evitados ou suportados com imenso sofrimento. A pessoa sofre por antecipação. Está ligada ao passado por uma espécie de alerta que o faz estar atento as situações passadas que lhe causaram sofrimento e vive a antecipar negativamente o futuro através de atitudes de evitação.

O medo e ansiedade começam dias ou semanas antes do evento social ocorrer e são desencadeados pela mera expectativa de vivenciar a situação temida. Após o evento ocorre a avaliação negativa acerca da sua performance, com pensamentos ruminativos de derrota. E normalmente, existe uma dificuldade na auto-avaliação, com uma postura hipercrítica e demasiado perfecionista.

Em casos extremos, a pessoa fecha-se, evitando o contacto social e, muitas vezes, existe a presença de obsessores a alimentar a insegurança e a fragilidade pessoal, a fim de atingir as cobranças do passado. A obsessão seria então não causa da fobia, mas um processo de reforço da auto-estima quebrada no equilíbrio do indivíduo.

Tem um curso crónico e muitas vezes tem associado outras patologias (comorbilidades) como a depressão, abuso de álcool, dependência de substâncias.

Os sintomas mais frequentes são rubor facial, sudorese intensa, tremores incontroláveis, tensão muscular, fala tremida, taquicardia, boca seca, podendo chegar a ter um ataque de pânico.

Quanto à origem do problema, podemos falar de uma herança espiritual ou matriz reencarnatória que está relacionada com a nossa história pessoal de outras vidas ou períodos intervidas, podendo acontecer experiências traumáticas que determinem experiências fóbicas no futuro.

A hereditariedade familiar conta em torno de 0,3 – 0, 5 %; sabe-se que os filhos de pessoas ansiosas são mais ansiosos; num modelo transgeracional e que a ansiedade durante a gestação liberta mais cortisol, isso é factor de stress para o feto, influenciando o desenvolvimento perinatal.

A epigenética – c**omo o meio influencia a transdução da informação genética** – também vem mostrar que podemos alterar a nossa informação genética através da influência ambiental (alimentação, pensamento, emoções, etc.), podendo os nossos estados mentais influenciar o equilíbrio e saúde do nosso corpo.

E por fim temos os factores do desenvolvimento – da educação recebida e comportamento social, que determina como nos posicionamos na vida e em sociedade.

Nos modelos do condicionalismo pensa-se que o estímulo fóbico gera uma resposta fisiológica antes do estímulo ser compreendido pelo indivíduo, proporcionando respostas irracionais e inconscientes, o que se explica se aplicarmos o conceito de memória extracerebral ou de Vida Passada (VP), gerador de um traço de memória.

Quando se trata de fobias filogenéticas (da evolução da espécie), observa-se grande ativação da amígdala, órgão cerebral responsável pela regulação das nossas emoções primárias, mas, também pela fuga e pelo prazer. Isto demonstra que há medos que são universais, que fazem parte da preservação da espécie e ficaram guardados na nossa memória, no nosso cérebro reptiliano, o que não acontece com as fobias ontogenéticas (do indivíduo). Walker et al 2003. Estas estarão mais relacionadas com as nossas memórias pessoais e também reencarnatórias.

Entendendo o modelo da reatualização das nossas memórias de vida passada, teríamos:
- Vivências em que fomos fortemente julgados.
- Medo de voltarmos a ser julgados.
- O julgamento causou dor, sofrimento e morte.
- A exposição pública causou sofrimento (condicionando escrever, comer, falar em público).

A experiência traumática gerou mandatos inconscientes tipo: **"Se falar posso morrer!"... ; "Se escrever posso ser julgado"!**

Para exemplificar conto o caso Júlia, jovem de 21 anos, 5.º ano do curso de medicina, com ansiedade extrema na exposição social, timidez excessiva, fobia em fazer provas orais. Tendo um dia voltado de uma aula, foi descansar e regrediu espontaneamente, em sono hipnótico. Viu-se em situação do século XVIII, em França, com pergaminhos em suas mãos. É levada a julgamento pelo que escrevia. Recebeu a seguinte sentença: **"Você terá não somente o seu pescoço cortado, mas também as suas mãos e os seus pés"!**

No momento em que ouve a sentença, ressoa um grito sonante: "Auguste Comte!" que a faz despertar com taquicardia da sua regressão espontânea.

A jovem Júlia tinha um medo irracional de tudo que lhe prendesse o pescoço e pavor de tudo que lhe prendesse as mãos! Fobia de objetos cortantes! Principalmente lâminas grandes.

Órgão de choque (órgãos do corpo mais frágeis onde as doenças se manifestam com maior frequência): Cabeça - cefaleias frequentes. Pescoço - amigdalites frequentes.

(P.S. A Guilhotina foi usada em França até à abolição da Pena de Morte em 1981 no mandato de François Mitterrand. Auguste Comte foi o pai do Positivismo, defensor da liberdade do pensamento).

Quanto à origem do problema, podemos falar de uma herança espiritual ou matriz reencarnatória que está relacionada com a nossa história pessoal de outras vidas ou períodos intervidas, podendo acontecer experiências traumáticas que determinem experiências fóbicas no futuro.

Parafraseando André Luiz, no livro "Evolução em Dois Mundos", psicografado por Francisco Cândido Xavier, "A etiologia das moléstias perduráveis, que afligem o corpo físico e o dilaceram, guarda no corpo espiritual as suas causas profundas", e podemos estender este conceito para as moléstias do foro psíquico, que também tem uma componente orgânica.

Nesta visão, as fobias, no presente, apontam na sua maioria das vezes para o passado, onde as suas causas se estabelecem e se vão reforçando através das nossas experiências vividas no presente, não sendo na maioria das situações uma obsessão, mas sendo pelas obsessões reforçadas.

Quando se fala no tratamento, teremos de ter atenção a todas as dimensões do Ser, na sua vertente física, mas também na sua vertente mental e espiritual, como realidades em constante interação, sinergia e equilíbrio.

Jornadas de Cultura Espírita: As duas faces da vida

foto organização

Conta-se uma dúzia de jornadas dentro do título destas linhas, mas decerto ninguém ia imaginar nas primeiras que a 12.ª edição do evento, em 23 e 24 de abril de 2016, ultrapassaria pela positiva todas as expectativas: o Centro de Congressos de Caldas da Rainha encheu a sua capacidade de acolhimento de meio milhar de pessoas, e contou com a presença dos presidentes do Município local e da Federação Espírita Portuguesa.

Não foi preciso acordar ninguém: os temas estavam vivos, mas Moacir Lima na conferência de abertura do início da tarde de 23 de abril, sábado, afastou véus e, entre outras dicas valiosas, referiu, por exemplo, a teoria das cordas.

Professor universitário e escritor com várias obras publicadas dentro do compromisso singular entre ciência e espiritualidade, estruturou com lucidez o discurso na física quântica e explicou como "O Livro dos Espíritos", de Allan Kardec, contra a corrente da sua época, embora com outras palavras, antecipou conceitos modernos da filosofia da ciência.

Questão n.º 38 – "Faça-se luz!", e fez-se. A expressão foi repescada pelo expositor que expôs com leveza um tema difícil tornando-o compreensível sem esquecer de juntar aquele tipo de humor que concentra a atenção. Tudo no universo é basicamente luz e segundo a dita teoria o que conhecemos deriva de mínimos filamentos de luz com uma dúzia de dimensões descritas pela matemática.

Pode conferir isto e muito mais quando lhe aprouver num canal da ADEP no Youtube, onde com excelente som e imagem, a equipa de cobertura do evento, incansável, ajustou tudo para esse efeito.

Já antes tinha emergido uma outra surpresa: havia seguido convite também em anos anteriores, mas nunca acontecera – o presidente do Município de Caldas da Rainha, Tintas Ferreira, que obviamente não é adepto do espiritismo mas é igualmente inteligente – demonstrou ser uma pessoa esclarecida e não hesitou em comparecer para saudar o evento e dar as boas-vindas ao auditório preenchido por gente oriunda do Norte e do Sul do país, sem esquecer Brasil e Espanha.

Seguiram-se outras conferências dadas por, entre outros, médicos, psicólogos, militares, um jurista e gente da educação, numa fieira de subtemas que ligaram a vida desde o prelúdio do berço à velhice, e depois à vida espiritual. Gláucia Lima e Alexandra Gomes, Paulo Mourinha e Maria Paula Silva, Felipe Menezes e Vasco Marques, J. Gomes, Lutécio Faria e algumas daquelas palavras especiais de João Xavier de Almeida, próximo do fecho do certame.

Num ritmo apurado, tiveram lugar duas teatralizações muito especiais, por Edmundo Cezar, cujo talento transbordou do palco do moderno Centro Cultural e Congressos de Caldas da Rainha, o que se reviu com o grupo Canções do Bem, de Goiás, Brasil.

Edmundo disse que, para ele, «participar das Jornadas foi uma experiência singular e única. A atividade que desenvolvemos com os alunos da Escola Técnica, as visitas aos centros espíritas e a oportunidade de participar com a arte em um evento construído com tanta responsabilidade e organização, fortaleceu minhas esperanças de que é possível fazermos "movimento espírita" com simplicidade e alegria», e adianta no seu sotaque de além-mar: «Para mim, que vinha de um outro país, foi marcante rever corações e almas simpáticas e descobrirmos que fazemos parte de uma mesma família. Não são frases tentando produzir efeitos, são sentimentos que tenho em mim. Minha experiência artística foi colocada a serviço do evento e fiquei feliz e agradecido por ter contribuído. O carinho, atenção e palavras de incentivo que ouvi agora fazem parte do património que levo, daquele que os ladrões não conseguem roubar».

Afirma também que sentiu «algumas diferenças que me fizeram pensar. O formato de uma mesa num lado do palco em que é conduzido o evento, os palestrantes sendo recebidos com carinho mas sem excessivo e desnecessário "glamour", exposições oferecidas ao público em tempos curtos, temas relacionados e percorrendo um caminho coerente, cuidado com simplicidade na ambientação, nos diapositivos, poucos são os eventos no Brasil que conseguem resultados semelhantes». Conclui: «Fico na torcida para que o evento cresça em números e qualidade, mas não perca em simplicidade. Quem sabe um maior número de participação de jovens, atividades anteriores ao evento nas cidades próximas e arte cada vez mais presente, contribuindo na sensibilização dos corações?».

Outra forma de arte, como referimos ligou-se à música. Ana Rita fala pelo Grupo Canções do Bem: «A participação do Canções do Bem nas Jornadas pode ser resumida na palavra emoção. Um forte sentimento que nos moveu a ir em busca do ideal de levar para outras terras as canções que falam do bem e do amor. Quando nos apresentamos buscamos transmitir, levar ao outro, o sentimento do amor, do belo, do bem e ao mesmo tempo sentirmos isso daqueles que estão ao nosso redor, sejam encarnados ou desencarnados. Por isso podemos traduzir nossa participação pela palavra emoção».

Sublinha: «Não podemos deixar de falar sobre o carinho e apreço com que fomos recebidos e esperamos ter correspondido às expectativas da organização e participantes das Jornadas. Tivemos a oportunidade de apresentar o repertório do CD Canções do Bem, especialmente preparado para ser lançado durante o evento, em dois momentos que intitulamos «Amor à vida» e «Amor além da vida».

Terá sido uma experiência diferente ou igual a outras que têm tido no Brasil? Ana Rita afirma: «Foi um momento ímpar, uma vez que o Canções do Bem nunca se havia apresentado fora do Brasil. Aquilo que fizemos nas Jornadas, naquele belíssimo auditório é o mesmo que oferecemos aos pequenos e humildes centros espíritas nas periferias de nossas cidades brasileiras. É a mesma entrega espiritual, o mesmo cuidado e compromisso com a nossa expressão artística e estética. Entretanto, cada momento é único e especial. Assim foi para nós as Jornadas. Algo inigualável e carregado de novas percepções e aprendizagens. Trouxemos para o Brasil, muito mais do que levámos».

Este evento contou com o apoio da Associação de Divulgadores de Espiritismo de Portugal (ADEP), da Federação Espírita Portuguesa (FEP) e da Associação Brasileira de Artistas Espíritas (ABRARTE).

Espiritualidade

Um dia tive
Um sonho/ilusão
Que o mundo deixaria
De ser uma prisão...

"Isso é impossível",
Diz o cidadão...
Só porque não conhece
A reencarnação...

A vida feliz
É uma realidade!
Existe ao vosso lado,
Na Espiritualidade...

Porquê tanta surpresa
Acerca da imortalidade
Quando, afinal,
Ela é a realidade?

Tal acontece,
Por desconhecimento,
Dos que vivem na matéria,
Sem este conhecimento.

Essa é a tarefa,
Dos espíritas d'agora,
Divulgar a imortalidade,
Pela Terra fora...

Em "breve" chegará,
O dia, em que tal realidade
Não será mais
Uma novidade...

Ide, quais marinheiros
Dos mares d'outrora,
Divulgar ao mundo
Essa verdade... agora!

Mas, não basta
Apenas divulgar,
É preciso também,
Tolerar, amar!

Porto: Doenças mentais e Espiritualidade

A Associação Médico Espírita do Norte (AME Norte) organizou no passado dia 5 e maio, entre as 21h00 e as 23h00, na cidade do Porto, um seminário com Wander Lemos, psiquiatra que exerce a sua atividade no Hospital André Luiz, em Belo Horizonte, no Brasil.
O tema foi "Doenças mentais e Espiritualidade" e a entrada gratuita, mas sujeita a inscrição. Para além da sua atividade profissional Wander Lemos é um estudioso da doutrina espírita e, muito em particular, dos escritos bíblicos. O médico em pauta estava de férias e passando por Portugal, surgiu a possibilidade desta contribuição. O facto de ter sido fora das paredes de uma associação espírita, no caso o auditório do Porto Hotel Antas que comporta perto de uma centena de pessoas, abre mais expressivamente a divulgação dos conceitos analisados.
Os últimos 30 minutos foram reservados para as perguntas que das pessoas ali presentes – o auditório ficou lotado – fizeram questão de colocar.
Este seminário foi gravado em vídeo por um jovem colaborador da AME Norte e será disponibilizado em breve no canal do Youtube desta associação, estando ali já disponível uma entrevista realizada umas horas antes sobre este mesmo tema – não deixe de ver!

Jornadas Portuguesas de Medicina e Espiritualidade

Subordinado ao tema «As várias dimensões do homem» no fim de semana de 4 e 5 de junho decorreram em Lisboa, no auditório da Faculdade de Medicina Dentária, as XI Jornadas Portuguesas de Medicina e Espiritualidade.
Ao longo dos dois dias do evento, realizado sob a égide do Grupo Espírita Batuíra, de Algés, uma dúzia de conferências foram escutadas pelos presentes. Abordaram subtemas como «A mente imortal», «Espiritualidade e Paranormalidade», «As fobias», «Gestação», «A glândula pineal e a neurofisiologia do pensamento», «O valor terapêutico das EQM», entre outros, envolvendo oradores de renome como Gláucia Lima e Ricardo Di Bernardi, Paulo César Fructuoso e Sérgio Filipe de Oliveira, sendo a maioria dos expositores médicos e os restantes enfermeiros e psicólogos.

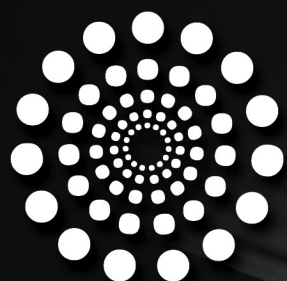
Lisboa: Fraternidade Espírita Cristã

Subordinada ao tema «Jesus através de Paulo - exemplos, lições e desafios para a atualidade», a Fraternidade Espírita Cristã (FEC) iniciou em de 20 de junho um estudo «concebido a partir de palestras de Haroldo Dutra Dias da obra de Emmanuel (Espírito) psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier «Paulo e Estêvão» e do livro «As marcas do Cristo» de Hermínio C. Miranda. O estudo termina a 25 de julho. Esta associação sem fins lucrativos fica na Rua da Saudade, n.º 8, 1.º - 1100 – 583 LISBOA, com o tel: 218 821 043 / 4; SOS Espiritual: 218 881 348, e site em http://www.fec.pt/ - e-mail: correio@fec.pt.

Faro acolheu o VII Encontro Espírita do Algarve

Foram perto de 200, os presentes no VII Encontro Espírita do Algarve que decorreu a 15 de maio de 2016, em Faro. Música e conferências preencheram o dia que uniu barlavento e sotavento, litoral e barrocal da região mais a sul de Portugal.
Subordinado ao tema "Terra – Planeta de Provas e Expiações a Caminho da Regeneração", o evento, organizado pelo NFEMA (Núcleo Familiar Espírita do Mentor Amigo), contou com a presença de pessoas de norte, centro e sul de Portugal e diminuiu a distância com que o Atlântico nos separa do Brasil, trazendo até nós companheiros deste nosso país-irmão.
Partindo de dois princípios fundamentais do Espiritismo, nomeadamente a pluralidade dos mundos e a pluralidade das existências, os conferencistas apresentaram uma perspetiva holística da existência humana e do planeta que hoje habitamos. Com um fio condutor sólido e coerente, as apresentações incidiram sobre o percurso da Terra como planeta em evolução, desde os primórdios, enquanto mundo primitivo, aos tempos vindouros da regeneração. Assim, Gonçalo Marques, licenciado em Gestão, falou deste planeta de provas e expiações, recordando a teoria do Big Bang como comprovação de uma intencionalidade criadora. Judite Pereira, médica psiquiatra natural de Uberaba e atualmente residente em Portimão, apresentou uma visão médica e muito humanista da vida atual no nosso planeta, recordando que as causas do sofrimento humano, seja ele de ordem física ou emocional, residem na esfera espiritual e que a medicina atual não pode mais tratar de partes do corpo mas olhar sim para a pessoa como um ser integral. Luténio Faria, médico, brasileiro, fundador e presidente a Associação Espírita Consolação e Vida, de Águeda, discursou sobre o contributo da humanidade para a regeneração, relembrando a importância do conhecimento para a consolidação do livre-arbítrio e a responsabilidade do indivíduo na melhoria da esfera pessoal e, por extensão, social e humana. Denise Estrócio, professora do ensino básico e secundário, refletiu sobre a geração futura, advogando que o futuro é já o presente. Sérgio Villar, presidente do Centro Espírita Perdão Amor e Caridade, de Itapira, em São Paulo, e fundador da TV-Web A Caminho da Luz, fechou o ciclo de conferências dissertando sobre o planeta Terra enquanto planeta de Regeneração e trazendo, por conseguinte, uma mensagem de esperança, paz e consolo, como é apanágio da Doutrina Espírita.
As conferências apoiaram-se nas informações contidas na codificação espírita, organizada por Allan Kardec há mais de século e meio, e cuja veracidade a Ciência tem vindo a confirmar ano após ano, década após década. Socorreram-se, também, da literatura espírita complementar e não esqueceram os relatos dos Evangelhos que nos lembram que Jesus de Nazaré já nos falava do mesmo através de metáforas e de parábolas.
E porque Espiritismo é cultura, para além das conferências, a música também se fez presente, elevando a vibração e reenergizando o ambiente. A abertura foi agraciada pelo som da harpa e pela doce voz de Helena Madureira. As honras do encerramento couberam ao dueto Musicorum do Algarve, com Luísa Fernandes ao piano e a voz da soprano Ana Palma, que emocionaram os presentes com a sua interpretação da Ave Maria de Giulio Caccini.
O convívio foi edificante nos momentos de pausa e foram disponibilizados os mais recentes títulos da literatura espírita, agora enriquecida com as novas edições da Federação Espírita Portuguesa que ali se fez representar na figura do seu presidente, Vítor Féria.
As inscrições para os Encontros Espíritas do Algarve têm vindo a aumentar consideravelmente e o NFEMA movimenta-se já para a preparação e organização do evento do próximo ano. Há sol e alegria. Contamos consigo.

Por Denise Estrócio

foto ulisses.com.pt

Seminário interdisciplinar discute adições

"Alcoolismo, toxicodependências e outras adições" foi o tema do seminário anual organizado pela Associação Cultural Espírita Mudança Interior (ACEMI), no passado dia 28 de maio, na Biblioteca de Vale de Cambra.

O tema tornou-se pertinente numa altura em que, apesar do consumo de drogas em Portugal estar abaixo da média europeia, substâncias como o ecstasy, haxixe e heroína continuam a ser facilmente acessíveis no país, já para não falar de outras dependências como o tabaco, álcool, jogo, comida, redes sociais, sexo, entre outras. E foi de tudo isto que se falou num seminário que juntou oradores de diferentes áreas disciplinares. Uma das mensagens centrais do evento foi deixada por Gláucia Lima, psiquiatra e oradora espírita: "Os padrões de consumo estão a mudar".

Para melhor entender a origem, evolução e dinâmicas destes consumos e dependências, António Pinho da Silva, licenciado em Filosofia e presidente da ACEMI, fez uma viagem pelo tempo e pela História, traçando um panorama sobre os motivos, costumes e características civilizacionais que ajudam a compreender os comportamentos aditivos em diferentes culturas.

Depois de esclarecer que hoje em dia não se fala em vícios, mas sim em distúrbios induzidos por substâncias, Gláucia Lima explicou como se vai de uma mera dependência ao distúrbio, pois "temos de considerar que a toxicodependência durante muitos anos foi considerada um problema comportamental, mas, hoje em dia entende-se também como um problema neurobiológico e alguns indivíduos são mais vulneráveis".

A médica explicou a relação entre nocividade e vulnerabilidade, a qual considera os seguintes três factores: efeitos sobre a saúde, efeitos sobre o comportamento e capacidade de criar dependência. Por outro lado, a oradora lembrou estudos que mostram haver "uma estreita continuidade entre o consumo de substâncias socialmente integradas (álcool, tabaco, drogas de clube, cocaína) e o nível que os comportamentos se tornam disruptivos.Ocorrem mecanismos de reforço que conduzem o indivíduo a organizar-se em torno destes objectos de prazer" (Félix, 2014). A este propósito, Gláucia Lima alertou para os perigos das novas drogas de clube – que representam uma grande fatia do consumo actual de drogas – tais como a ketamina, ecstasy e MDMA. Lembrando celebridades que sucumbiram devido ao consumo excessivo de drogas, a psiquiatra diz que "na verdade, não nos interessa se a substância é licita ou não, e sim o seu carácter de perturbação".

Alertou ainda para as chamadas drogas permitidas, como o tabaco, o álcool e o jogo. Neste ponto, lembrou que o álcool é a substância mais nociva para o próprio e para as pessoas à volta. Já quanto ao tabaco, Gláucia Lima falou do novo efeito do tabagismo em 3ª mão que é o que acontece, por ex., quando um membro de uma família vai fumar para a varanda para evitar prejudicar os restantes familiares. Mas a verdade é que, além do próprio fumador e dos fumadores passivos (aspirantes do fumo alheio), os pneumologistas alertam que os estofos do carro e de casa, as roupas, as toalhas e os tapetes também são contaminados pelas substâncias químicas deixadas pelo cigarro consumido em ambientes fechados, o que inflama os pulmões das pessoas que frequentam estes ambientes. Ou seja, crianças podem estar a consumir substâncias tóxicas quando entram num carro em que um dos pais tem por hábito fumar nele. Já quanto ao jogo, a oradora notou que este está a ser um factor cada vez mais perturbante nas dinâmicas conjugais dos portugueses, remetendo para casos clínicos com que tem lidado enquanto terapeuta familiar. Para Gláucia Lima, os antídotos para as dependências passam pela espiritualidade, pelo encontrar um sentido para a vida e educação desde a infância.

O evento incluíu ainda o lançamento do livro Suicida, ditado pelo espírito Martti Vihtori Elo, e psicografado por António Pinho da Silva. A apresentação esteve a cargo de Ana Silva, licenciada em Líguas e Relações Internacionais. "A memória é a prova de que não há, em rigor, passado; e como o que se chama futuro é apenas um vasto campo de possibilidades, tudo e só é presente", lê-se no livro, numa citação destacada por Ana Silva, para quem o livro Suicida mostra que "nada tem um fim".

Também marcou presença a subcomissão de relações públicas do núcleo do Porto dos Narcóticos Anónimos (NA), uma associação internacional com recursos para a comunidade, formada por adictos em recuperação, que fornece apoio a outros adictos que querem largar as drogas. Destacou-se a metodologia, "não profissional", usada por aquele grupo. A apresentação dos NA incluiu um testemunho pessoal de alguém que, após 22 anos de consumo de drogas, tem conseguido, desde 2000, manter-se sem consumir qualquer tipo de droga, incluindo tabaco e álcool.

"Nem tudo são rosas na recuperação, mas esta é possível. E todos os dias acordo a sentir-me um vitorioso, porque mais um dia em que me superei a mim mesmo e à dependência. Consigo ser feliz todos os dias", disse Sérgio. "Vou fazer aquilo que possa pela minha recuperação hoje e manter a esperança no seu processo contínuo. Só por hoje" e assim o caminho da recuperação, dia após dia, se faz possível. Sugere-se a leitura do livro azul dos NA.

Filipa Ribeiro, jornalista, socióloga e investigadora, recorrendo à Sociologia, à Psicologia e à Neurobiologia, explicou como a degradação pessoal, o consumo em escalada das substâncias, a forma em que envolve o seu consumidor como uma teia invisível que vai enredando, até ao momento em que o indivíduo, mesmo que queira, não consegue sair, sem ajuda. A evolução, desde a experimentação até à sedução, para finalmente passar pela dependência, a temida privação, a recaída, mas também, argumentou, a evolução. Da Sociologia, percebe-se como o contexto social e a cultura em que vivemos é importante na decisão de saber que drogas são ou não apropriadas. Contudo, ao nível do indivíduo não se pode esquecer os efeitos espirituais e os caminhos neurológicos relativos à adição. A adição é também uma doença neurobiológica em que o uso repetido de uma substância corrompe e reorganiza o circuito normal de recompensa e o comportamento adaptativo, causando mudanças neuroplásticas.

Do ponto de vista emocional, as dependências têm sido caracterizadas como distúrbios que envolvem elementos quer de impulsividade quer da compulsividade produzindo um ciclo complexo de dependência composto de três fases: intoxicação, abstinência e antecipação. Vários neurotransmissores e neurocircuitos estão subjacentes às alterações patológicas em cada uma destas fases. Evidência crescente sugere que as adições comportamentais se assemelham às adições de dependência de substâncias em muitos domínios. Tal como dizia Joanna de Ângelis, "a embriaguez dos sentidos é abismo de esquecimento da responsabilidade de consciência perante as exigências da evolução". Por isso, Filipa Ribeiro falou não só da adições a substâncias, mas também a outro tipo de dependências, nomeadamente as adições das redes sociais onde se forjam vidas e narcisismos, e as adições ao nível do pensamento e das emoções. Para além dos efeitos e impactos sociais das dependências, a socióloga falou das implicações espirituais das dependências recorrendo a autores espíritas como Manoel Philomeno de Miranda, André Luíz, Joanna de Ângelis e Emmanuel.

No final, Lurdes Lourenço, uma das organizadoras do evento, agradeceu o acolhimento do evento da Biblioteca de Vale de Cambra garantindo que "enquanto houver esta disponibilidade e amabilidade, o seminário anual da ACEMi irá continuar".

Da cremação à clonagem

Não temos condições de avaliar a consciência de cada um a esse respeito, não adianta inventar, mas percebemos que é ela que vai determinar a rapidez desse desligamento do corpo espiritual.

Programa muito preenchido, houve uma série de perguntas escritas que ficaram de ser respondidas pelos expositores das Jornadas de Cultura Espírita do Oeste…

foto arquivo

À medida que forem sendo respondidas iremos publicando aqui. Desta feita, vamos começar.

Nucha escreve estas duas perguntas numa assentada: «**Há centros espíritas na Europa, América, África e Ásia? E em relação à cremação, como reage o espírito?**».

A resposta foi pedida a J. Gomes. Escreveu no e-mail: «Olá, Nucha. Tivemos conhecimento das suas perguntas esta semana e passamos a responder.

Temos informação de que existem associações espíritas sem fins lucrativos, sim, em algum dos países dessas regiões do Globo que refere. Muitas delas existem a falar português. Sabe que o facto de haver emigrantes sobretudo do Brasil eles próprios já espíritas, faz com que se agrupem e venham a aderir outras pessoas que começam assim a estudar espiritismo.

Sobre a cremação devemos considerar que é aconselhável aguardar de preferência uns quatro dias antes de cremar. Nada mais é isto, contudo, que uma estimativa, embora pareça de facto ser consensual entre estudiosos.

Isso não quer dizer que todos precisemos desse período de tempo para um desligamento completo do corpo físico quando desencarnamos, como compreende.

A questão deste ponto prende-se precisamente com essa questão do desligamento que se liga ao processo de desencarnar.

Como sabe somos Espírito e temos corpo espiritual (perispírito) e corpo físico. O perispírito interage com o corpo físico durante a passagem terrena através de liames fluídicos ou energéticos, conforme prefira dizer, à falta de melhor designação.

Isso enseja perceber que as sensações corporais físicas, portanto do corpo material, são captadas pelo sistema nervoso e passam à estrutura perispiritual atingindo depois o Espírito. Se este não estiver num estado de inconsciência, recolhe as sensações. É aí que a sensação atinge a consciência.

Quando desencarnamos, o desligamento dos ditos liames fluídicos que unem o corpo espiritual ao corpo físico processa-se com maior ou menor rapidez, de acordo com o tipo de vida mental habitual do ser em causa e respetivo comportamento no quotidiano.

Se alguém tem uma vida centrada em maus hábitos como o alcoolismo ou em pensamentos e sentimentos infelizes como a mágoa, propósitos de vingança, enfim, de inércia espiritual, tudo indica que a dificuldade de se desprender do corpo físico será maior; por outro lado, quem no seu dia a dia tende a pensar bem de outrem, mantém hábitos saudáveis, e se dedica a estender a paz e a alegria, em suma, ao ter uma vida diária mais espiritualizada, terá decerto um desprendimento mais rápido do corpo físico e melhores condições para ver quem o vem ajudar ao chegar ao Plano Espiritual.

Não temos condições de avaliar a consciência de cada um a esse respeito, não adianta inventar, mas percebemos que é ela que vai determinar a rapidez desse desligamento do corpo espiritual. Assim que estiver desligado o corpo espiritual do corpo físico, nessa altura deixará de haver ecos de sensibilidade ou sensações que possam ser canalizadas ao Espírito, logo, este não sofrerá com o que se fizer ao corpo físico que abandonou, como um casaco gasto pelo uso.

Isso não quer dizer que em certos casos não perdurem sensações de frio/calor, de sede/fome, dor de estômago, condicionamento temporário de faixa etária, etc. durante um certo tempo em que o Espírito desencarnado nem se apercebe que já está no Plano Espiritual. Isso é outro assunto, que encontra explicado em «O Livro dos Espíritos» de Allan Kardec (item: Sensações e perceções dos Espíritos).

Armanda deixou a indagação escrita: «**Como é vista a problemática pouco esclarecedora da clonagem? O que é um clone?**».

Endereçada ao mesmo expositor, este redargue: «No fundo, um clone é um gémeo idêntico. Por outras palavras, é uma fotocópia genética de um organismo já existente. Ou seja, clonagem é a produção de indivíduos geneticamente iguais.

Isto ocorre na natureza sem intervenção humana por exemplo no caso daqueles pequenos pulgões que vemos na primavera no caule das pequenas plantas dos jardins.

A Wikipédia diz assim sobre clonagem – “É um processo de reprodução assexuada que resulta na obtenção de cópias geneticamente idênticas de um mesmo ser vivo – microorganismo, vegetal ou animal”.

Pensa-se que na natureza, por razões evolutivas, se terá tornado um processo claramente minoritário pelas desvantagens que apresenta. Exemplificamos: imagine que há uma modificação natural do meio que se torna agressiva à sobrevivência da espécie em causa. Como a genética de todos é idêntica, extinguem-se todos de uma vez.

Por outro lado, na reprodução sexuada, que incrementa a diversidade genética, há grandes possibilidades de alguns dos indivíduos conseguirem adaptar-se ou resistir à modificação, sobretudo se esta for temporária.

A outra questão que levanta penso que se prende entre clonagem e reencarnação, estamos certos? Neste caso, o corpo físico do indivíduo é igual a outro, mas o processo reencarnatório é diferenciado, como acontece com qualquer um de nós.

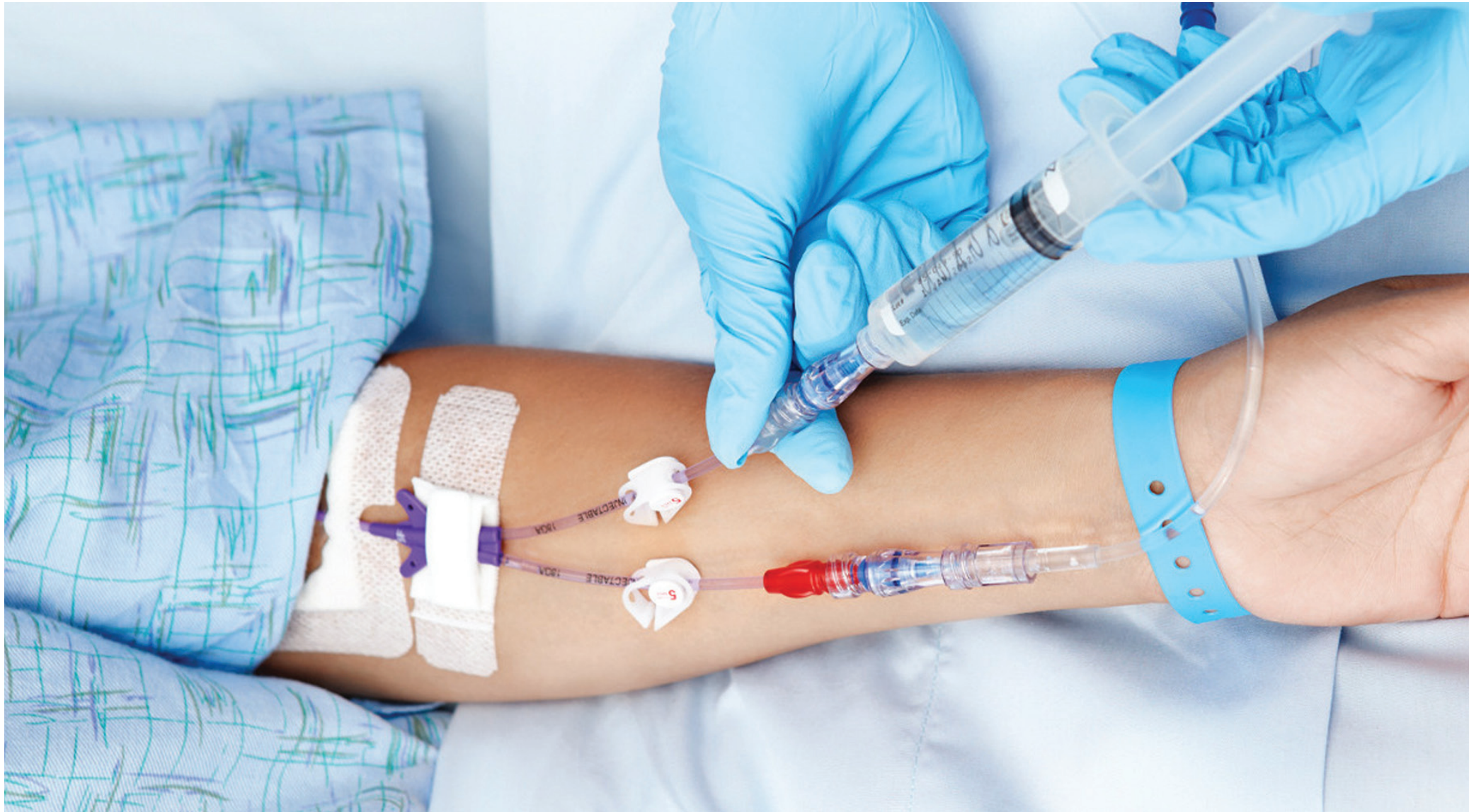
Outro item que emerge tem a ver com a clonagem em humanos. Do meu ponto de vista não faz sentido por várias razões.

O processo experimental traria muito sofrimento com experiências mal sucedidas. Depois, com tantas crianças a necessitarem de bons pais adoptivos, como se compreende gastar tanto dinheiro em investigação sobre clonagem que poderia ir para outros fins, como as doenças que ainda não são controladas pelo ser humano como Parkinson ou Alzheimer?

Esperamos ter ajudado no que pretendia saber, mas se assim não foi por favor insista. Se não souber responder irei perguntar a quem possa saber».

Eutanásia: sim ou não?

Questão complexa que brota do solo da saúde, a eutanásia foi objeto de uma nota de imprensa gizada pela Associação de Médicos-Espíritas do Norte – pelo interesse despertado, com a devida vénia pedimos licença para a resumir e adaptar ao espaço disponível neste jornal, na certeza de que os leitores encontrarão aqui diversos esclarecimentos que importa reter.

foto arquivo

Esta comunicação resulta de uma reflexão alargada e engloba vários tópicos: introdução, argumentos a favor e contra, o ponto de vista espírita.

Eutanásia de forma simples quer dizer boa morte – ευθανασία: ευ "bom", θάνατος "morte".

No entanto, a relatividade dos critérios do que seja uma boa morte revela-se até em determinadas culturas e em determinadas épocas. Nas culturas guerreiras, como a dos vikings ou a dos samurais, uma morte boa seria a que sucedia em combate, revestida de honra. Já na Europa da Idade Média a boa morte devia fazer-se anunciar, a fim de que o moribundo pudesse tomar as suas últimas decisões. De tal forma era temida a morte repentina que podemos ler numa ladainha dos Santos daquela época «De uma morte repentina livrai-nos Senhor». Mas, na época atual, a boa morte é aquela que chega de repente, aquela que chega sem avisar.

Na verdade vivemos como se a morte não existisse. Quando deparamos com esta inevitabilidade, não a suportamos e chegamos ao ponto de a querer antecipar. Cria-se assim um paradoxo existencial. E é nesse contexto que surge o conceito de eutanásia como a morte intencional de um doente, a seu pedido (firme e consistente), através da intervenção direta de um profissional de saúde, pressupondo-se a livre expressão da vontade individual.

Esta é, sem dúvida, uma questão controversa, sendo vários os argumentos contra e a favor do ponto de vista bioético. A doutrina espírita, com base nos princípios da existência de Deus, da imortalidade da alma, da pluralidade das existências e da lei de causa e efeito, estabelecendo uma ponte segura entre ciência e espiritualidade, acrescenta importantes argumentos contra a eutanásia.

Argumentos a favor e contra

Margaret Battin, professora de Filosofia e professora adjunta de Medicina Interna da Universidade de Utah, nos EUA, debruçou-se sobre esta temática.[1] Através do apanhado que faz neste campo, sublinha que os argumentos a favor e contra a eutanásia divergem basicamente entre dois vetores – o direito de autonomia do ser e o valor da vida humana.

Os principais argumentos a favor ligam-se ao respeito pela autodeterminação da pessoa, bem como ao alívio da dor e do sofrimento, sugerindo na sua origem uma ideia de compaixão.

Por sua vez, os principais argumentos contra espraiam-se entre o caráter inviolável da vida humana, a integridade da profissão médica e o potencial abuso (rampa deslizante).

Principais argumentos a favor

Embora não concordando, constituindo estes os principais argumentos a favor da eutanásia, consideramos importante referi-los permitindo, assim, uma reflexão mais abrangente e profunda.

Há princípios a considerar. Princípio da Autonomia: O artigo 5.º da Comissão Nacional da UNESCO é invocado nas coordenadas da autonomia e responsabilidade individual: «A autonomia das pessoas no que respeita à tomada de decisões, desde que assumam a respetiva responsabilidade e respeitem a autonomia dos outros, deve ser respeitada». Este princípio de respeito pela autonomia e autodeterminação

relaciona-se também com a Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos.[2]

Também o princípio da dignidade invoca o chamado direito de morrer com dignidade, numa vertente de alívio de sofrimento, ou seja, a morte assistida seria um direito do doente que sofre e a quem não resta outra alternativa, por ele tida como aceitável ou digna, para pôr termo ao seu sofrimento. É um último recurso, uma última liberdade, um último pedido que não se pode recusar a quem se sabe estar condenado. Nestas circunstâncias, a morte assistida é um ato compassivo e de beneficência.

Por sua vez, John Harris descreve a teoria do utilitarismo, defendendo que, de acordo com essa teoria, a eutanásia pode ser eticamente adequada, chegando a dizer que é moralmente errado encurtar a vida de uma pessoa se desta forma se estiver a privar essa pessoa de alguma coisa que ela valoriza especialmente (tal como a vida). Contudo, obtido o consentimento, e se a pessoa deixar de valorizar a vida em si própria, não existe nada de intrinsecamente errado em permitir a morte assistida.[3]

foto dr

Principais argumentos contra

Inviolabilidade da vida humana: Refutando, mais uma vez, os argumentos a favor, começamos por referir a posição de José Manuel Silva, Bastonário da Ordem dos Médicos, que sublinhando a dignidade da vida humana, defende que esta não é um bem disponível ao próprio, existindo limites óbvios ao exercício da autonomia individual.[4]

As Constituições de vários países do mundo proclamam o direito à vida como direito fundamental. A Constituição da República Portuguesa (art. 24.º)[5] consagra a inviolabilidade do direito à vida. A vida, pois, é um bem que a Constituição se obriga a manter e proteger. Por outras palavras podemos dizer que a legislação tem leis que visam proteger as pessoas de si próprias, como por exemplo a obrigatoriedade de usar cinto de segurança no automóvel ou capacete numa mota. O "direito inalienável à liberdade" não se aplica em matérias de proteção da vida.

O princípio da dignidade assevera que o importante para se morrer com dignidade é permitir que se viva com dignidade. Não é o sofrimento que torna a morte indigna, mas sim tudo aquilo que deixa de se fazer para o seu alívio, tendo em conta a sua dimensão física, psicológica, social, existencial e espiritual.

Há que considerar também o estado mental do doente. Os doentes que solicitam a eutanásia estão frequentemente deprimidos ou sob o efeito de outra doença afetiva tratável, o que dificulta a avaliação e a decisão quanto à sua capacidade de tomada de decisões.[6]

Walter Osswald a este propósito afirma que "na realidade, e na perspetiva da ética personalista, a eutanásia nunca é uma solução, dado que nenhuma pessoa nas suas plenas capacidades cognitivas e emocionais desejaria morrer. Assim, quem pede a eutanásia não quer viver naquela situação específica, pelo que se trataria apenas de um grito de desespero quanto à vida que está a ser vivida".[7] Aqui novamente percebemos que é o estado do sofrimento não tratado, que leva a um desespero e a insuportabilidade da situação. Ou seja, questões de ordem psíquica como acolhimento e cuidados afetivos, ajudam a suportar o quadro clínico e a fomentar a esperança no tratamento. Torna-se importante ter consciência de que para além dos cuidados médicos que são indispensáveis, são necessários também os cuidados afetivos, já que estes alimentam um estado de ânimo fundamental para enfrentar o processo de adoecimento e morte.

Há ainda o conceito de preservação da relação médico-doente. Walter Osswald destaca a integridade da profissão médica e afirma que o pensamento médico não pode deixar de ser unívoco, como o tem sido através dos séculos: "a função e missão do médico consiste em curar ou aliviar e não em matar. A prática da eutanásia é considerada contrária aos objetivos nucleares da medicina, colocando em causa a sua essência e a sua moralidade interna".[7]

Surge ainda um outro risco – a teoria da rampa deslizante define que à medida que o tempo vai passando os critérios vão sendo menos restritos perdendo o rigor na sua regra de aplicação, ou seja, quando generalizamos a utilização de um processo vamos banalizando e modificando o critério da sua aplicabilidade. No caso da eutanásia este alargamento de critérios pode estender-se ao nível social, familiar e individual, tornando-se na prática de eutanásia não voluntária.

Esta teoria demonstra que não existem mecanismos efetivos de controlo social que impeçam a prática da eutanásia em doentes que não tenham prestado consentimento livre e esclarecido para o efeito e, por isso, constitui má política pública a sua legalização.[8]

A este propósito Pedro Vaz Patto, Presidente da Comissão Nacional Justiça e Paz afirma que "A experiência dos Estados que legalizaram a eutanásia revela que não é possível restringir essa legalização a situações raras e excecionais; o seu campo de aplicação passa gradualmente da doença terminal à doença crónica e à deficiência, da doença física incurável à doença psíquica dificilmente curável, da eutanásia consentida pela própria vítima à eutanásia consentida por familiares de recém-nascidos, crianças e adultos com deficiência ou em estado de inconsciência."[9]

Podemos citar como exemplo da rampa deslizante casos de pessoas que sofriam de depressão, que solicitaram eutanásia. Sabe-se que este é um quadro que pode ser tratado e revertido desde que haja acompanhamento médico e psicológico, não havendo sentido em abreviar a vida por este motivo.

Acresce o direito a realizar o Testamento Vital, um documento redigido por uma pessoa no pleno gozo de suas faculdades mentais, com o objetivo de dispor acerca dos cuidados, tratamentos e procedimentos que deseja ou não ser submetida quando estiver com uma doença ameaçadora da vida, fora de possibilidades terapêuticas e impossibilitado de manifestar livremente sua vontade.[10] Através desta declaração de vontade é possível ultrapassar o receio de se ser submetido a um encarniçamento terapêutico ou distanásia e, desta forma, reduzir as potenciais situações em que o doente possa pensar na eutanásia como solução para o seu sofrimento quando, na verdade, a eutanásia não acaba com o sofrimento mas sim com a vida corporal.

Soma-se neste alinhamento o direito dos cidadãos aos Cuidados Paliativos. A Organização Mundial de Saúde define-os como sendo cuidados que melhoram a qualidade de vida dos doentes e das suas famílias que encaram uma doença ameaçadora da vida, proporcionando alívio da dor e de outros sintomas, suporte espiritual e psicossocial desde o diagnóstico até ao fim da vida e no luto.

A prestação destes cuidados evita que o doente atinja um sofrimento que lhe faça desejar a eutanásia. O número de pedidos de eutanásia por doentes em acompanhamento por cuidados paliativos é muito escasso e muitos deles são referidos numa primeira abordagem, quando o doente ainda não acredita que pode ver aliviado o seu sofrimento.

A questão do sofrimento passa, pois, por desenvolver uma rede de cuidados paliativos que chegue a todos os que deles necessitem.[10] No nosso país esta realidade está bem distante e por isso vemos pessoas a sofrerem muito mais do que o devido, podendo chegar a desejar a eutanásia, não porque esta seja a solução, mas porque não lhes é dada a oportunidade de verem aliviado o seu sofrimento de outra forma.

Há depois o perigo de se passar do direito ao dever da eutanásia: muitas vezes o sofrimento está relacionado mais com a dependência física que a doença gera do que com a própria doença e essa dependência faz com que o doente se sinta frequentemente como um fardo. Com a legalização da eutanásia corre-se o risco de o doente optar pela eutanásia não pelo seu próprio sofrimento mas para libertar os seus familiares do peso de cuidar dele. Surge um sentimento de culpa por se estar vivo. A eutanásia, nestes casos, deixaria de ser um direito e passaria a ser um dever.

Continuidade da vida

Quem defende a eutanásia acredita que esta é uma forma de terminar com um sofrimento insuportável, mas que é de colocar em causa é se a eutanásia acaba realmente com o sofrimento. Os seus defensores acreditam que a vida do ser humano termina com a morte do corpo físico extinguindo-se com ela todo e qualquer sofrimento.

Há, contudo, uma série de evidências que apontam no sentido de a vida prosseguir numa dimensão espiritual, numa linha de continuidade, com o eventual prolongamento de sensações por tempo indeterminado, variável caso a caso. A morte apenas simula diante dos nossos olhos o desaparecimento do ser, mas este prossegue a sua vida na dimensão espiritual.

Por isso, na visão médico-espírita, a eutanásia acaba apenas com o corpo físico, mas não com o Espírito que o anima, nem tão pouco com os sofrimentos que lhes são inerentes. É compreensível – não somos corpos físicos que têm uma alma, somos sim almas a colher temporariamente experiências de vida em corpos físicos.

A Doutrina dos Espíritos tem nos seus pilares principais a crença na existência de Deus, definindo-o como inteligência suprema, causa primária de todas as coisas[11] e afirma que só Ele tem o direito de dispor da vida, sendo que qualquer atentado à mesma constitui transgressão dessa lei.[12] De acordo com essa lei a AME Norte reforça a sua posição contra a prática da eutanásia, salientando que esta, do ponto de vista espírita, constitui um suicídio para quem faz essa opção e um homicídio para quem a executa,[13] embora com todas as possíveis atenuantes resultantes da intenção.

Eutanásia e suicídio

As reuniões mediúnicas, nas quais os Espíritos se comunicam, trazem-nos inúmeros

ensinamentos sobre a vida no mundo espiritual. Os relatos dos que se encontram já libertos do corpo físico dão-nos conta de que muitos dos sofrimentos da Terra continuam após a morte e, muito em particular, nos casos de suicídio.[14] Nestes casos o Espírito fica profundamente deprimido, continuando a viver em situação de elevada perturbação e muitas vezes sem mesmo se aperceber que já partiu para o mundo espiritual. Esta situação pode manter-se anos até que surja uma oportunidade de esclarecimento.

Muitos destes casos pedem que se passe a palavra sobre estes fatos, para que mais ninguém se atire a tal infortúnio. Regra geral, consumado o ato, de alguma maneira rapidamente percebem que deveriam ter sabido ser resilientes, pois a passagem na vida material configura uma "bolsa de estudo", cheia de testes e ensinamentos, previstos já antes de nascer. Embora estes dados – que até podem ser vistos numa moldura de religiosidade natural no ser humano – sejam novidade para muita gente, na verdade parecem ser leis da natureza que não fazem vénia para funcionar, quer se acredite nelas ou não.

Isto aplica-se quer às vidas sucessivas quer à continuidade da vida após a morte do corpo físico, articuladas com uma relação de causa e efeito que vincula a consciência de cada um face ao seu próprio passado mais ou menos remoto.

Portanto, do ponto de vista espiritual, a eutanásia sempre será vista como uma via gémea do suicídio e bem sabemos como esse sofrimento se estende na vida espiritual por prazo variável mas algo longo.

Alívio do sofrimento

A eutanásia é invocada, como já referido, como forma de acabar com um sofrimento insuportável. De acordo com a Doutrina dos Espíritos a procura do alívio do sofrimento constitui mais do que um direito – constitui um dever, desde que não ultrapasse a inviolabilidade da vida. Apoiada no princípio da imortalidade da alma, na lei da reencarnação e na lei de causa e efeito, esta doutrina afirma que o sofrimento não acaba com a morte do corpo físico e que a sua antecipação nem que seja por breves instantes tem repercussões graves.

A este propósito Allan Kardec pergunta: "Quando uma pessoa vê diante de si um fim inevitável e horrível, será culpada se abreviar de alguns instantes os seus sofrimentos, apressando voluntariamente sua morte? Ao que os Espíritos respondem: "É sempre culpado aquele que não aguarda o termo que Deus lhe marcou para a existência...".[15]

Não temos dúvidas do direito a uma morte digna. Mas, também aqui afirmamos, mais do que um direito é um dever termos uma morte digna. Porém, não é o sofrimento que a torna indigna e sim a forma como vivenciamos esse sofrimento. A doutrina espírita ajuda a encontrar um significado para o sofrimento e, dessa forma, contribui para a dignidade da vida até ao momento

foto dr

da morte, porque o que torna o sofrimento insuportável é o sofrer sem sentido. Sabendo quem somos, de onde vimos e para onde vamos enquanto seres constituídos de corpo e alma, percebemos a Lei Natural com a sua justiça e os seus desígnios. Percebemos que o sofrimento ao contrário de ser indigno, pode ser uma oportunidade de crescimento espiritual se o soubermos viver – afinal, se o vivermos com dignidade!

Numa avaliação efetuada pela Comissão Remmelink, na Holanda, confirmou-se clara e inequivocamente que a maioria dos pedidos de eutanásia se relacionavam com o sofrimento intenso, devido ao sentimento de abandono e de exclusão social, e quase nunca a dor profunda e insustentável.

No seguimento da pergunta sobre se o homem tem o direito de dispor da sua vida e à qual obtém a resposta que o suicídio importa sempre numa transgressão da Lei, Allan Kardec pergunta ainda se continua a ser transgressão no caso de o suicídio ser uma forma de fugir às misérias e às deceções deste mundo. E a resposta é bem clara: "Pobres Espíritos, que não têm a coragem de suportar as misérias da existência! Deus ajuda aos que sofrem e não aos que carecem de energia e de coragem. As tribulações da vida são provas ou expiações. Felizes os que as suportam sem se queixar, porque serão recompensados!"[13]

Numa avaliação efetuada pela Comissão Remmelink, na Holanda, confirmou-se clara e inequivocamente que a maioria dos pedidos de eutanásia se relacionavam com o sofrimento intenso, devido ao sentimento de abandono e de exclusão social, e quase nunca a dor profunda e insustentável.

Nestes casos o pedido de eutanásia relaciona-se não com a doença em si, mas com a dependência por ela causada, fazendo o doente sentir-se um fardo para quem cuida. Numa sociedade materialista onde não se vê para além do corpo físico numa única existência é difícil para o doente aceitar a dependência e a necessidade de ser cuidado e é difícil para o cuidador aceitar cuidar quando esse cuidar implica, muitas vezes, abdicar de tantos prazeres terrenos. Mas, na visão espírita, percebemos que cuidar e ser cuidado constitui oportunidade de evolução: oportunidade de evolução de quem cuida num exercício constante de abnegação, oportunidade de evolução de quem é cuidado, num exercício constante de humildade, resignação e aceitação e, quantas vezes, estas situações constituirão ainda oportunidade de reparação de um passado mais ao menos remoto.

Papel do profissional de saúde

Neste item não podemos encontrar melhor forma de expor qual a posição do profissional de saúde perante o pedido de eutanásia na perspetiva médico-espírita do que através da transcrição da resposta deixado por São Luís quando Allan Kardec pergunta: "Um homem está agonizante, presa de cruéis sofrimentos. Sabe-se que seu estado é desesperador. Será lícito pouparem-se-lhe alguns instantes de angústias, apressando-se-lhe o fim?

"- Quem vos daria o direito de prejulgar os desígnios de Deus? Não pode ele conduzir o homem até à borda do fosso, para daí o retirar, a fim de fazê-lo voltar a si e alimentar ideias diversas das que tinha? Ainda que haja chegado ao último extremo um moribundo, ninguém pode afirmar com segurança que lhe haja soado a hora derradeira. A Ciência não se terá enganado nunca em suas previsões?"

Pode haver casos que se podem, com razão, considerar desesperadores; mas, se não há nenhuma esperança fundada de um regresso definitivo à vida e à saúde, existe a possibilidade, atestada por inúmeros exemplos, de o doente, no momento mesmo de exalar o último suspiro, reanimar-se e recobrar por alguns instantes as faculdades! Pois bem: essa hora de graça, que lhe é concedida, pode ser-lhe de grande importância. Desconheceis as reflexões que seu Espírito poderá fazer nas convulsões da agonia e quantos tormentos lhe pode poupar um relâmpago de arrependimento.

O materialista, que apenas vê o corpo e em nenhuma conta tem a alma, é inapto a compreender essas coisas; o espírita, porém, que já sabe o que se passa no além-túmulo, conhece o valor de um último pensamento. Minorai os derradeiros sofrimentos, quanto o puderdes; mas, guardai-vos de abreviar a vida, ainda que de um minuto, porque esse minuto pode evitar muitas lágrimas no futuro". S. Luís. (Paris, 1860)[16]

Esta posição não se antagoniza com a necessidade de procurarmos o alívio para o sofrimento, pois não vê o sofrimento como castigo mas como oportunidade de reparação e de crescimento e a busca do seu alívio é obrigatória, na procura constante da harmonia com as leis do universo.

Nota - A leitura integral deste documento está disponível no site da AME Norte, em https://amenortesite.wordpress.com

Notas:
1 - Battin M: Euthanasia and Physician Assisted Suicide. In The Oxford Handbook of Practical Ethics (Editor: Hugh LaFollette), Oxford University Press, Oxford, 2003.
2 - Comissão Nacional da UNESCO – Portugal; Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos.
3 - Harris J: The Value of Life. An Introduction to Medical Ethics. Routledge, London, 1991.
4 - José Manuel Silva: Eutanásia, distanásia e morte antecipada assistida, in Jornal de Notícias (19.02.2016).
5 - Constituição da República Portuguesa.
6 - Ganzini L, Beer T, Brouns M, Mori M, Hsieh Y: Interest in Physician-Assisted Suicide among Oregon Cancer Patients. The Journal of Clinical Ethics 17 n.1; 2006: 27-38.
7 - Osswald W: Um Fio de Ética. Exercícios e Reflexões. Instituto de Investigação e Formação Cardiovascular, Coimbra, 2001.
8 - Keown J: Euthanasia, Ethics and Public Policy. An Argument against Legalisation. Cambridge University Press, Cambridge, 2002.
9 - Pedro Vaz Patto: A eutanásia e a rampa deslizante, in Observador (17.2.2016).
10 - Nunes R., Duarte I., Soares R., Rego G.: Estudo N.o E/10/APB/07, Inquérito Nacional à Prática da Eutanásia. Associação Portuguesa de Bioética.
11 - Kardec A.: pergunta 1, O livro dos espíritos.
12 - Kardec A.: pergunta 944, O livro dos espíritos.
13 - Kardec A.: pergunta 946, O livro dos espíritos.
14 - Kardec A.: Entre o céu e o inferno.
15 - Kardec A.: pergunta 953 item b, O livro dos espíritos.
16 - Kardec A.: cap. V, item 28, O Evangelho segundo o Espiritismo.

James: menino e piloto

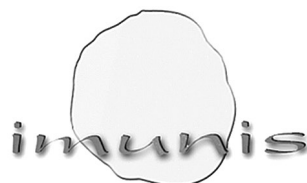
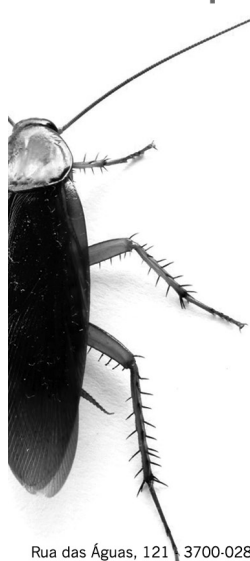
Como é sabido, o professor Ian Stevenson foi o grande impulsionador da investigação científica aos casos sugestivos de reencarnação. Ao longo de 14 livros e centenas de publicações em revistas científicas, este psiquiatra americano compilou, com um rigor que lhe mereceu a admiração e reconhecimento dos seus pares, cerca de 3 mil casos de crianças de todo o mundo que se lembravam das suas vidas passadas.

foto dr

No entanto, esse trabalho de pesquisa, documentação e análise não ficou estagnado com a sua morte física em 2007 já que ele inspirou outros investigadores a seguirem-lhe o exemplo. Alguns dos mais conhecidos são o psicólogo Erlendur Haraldsson da Universidade da Islândia, a professora Canadiana Antonia Mills que realizou um estudo profundo sobre a reencarnação em diversas culturas indígenas americanas e o pedopsiquiatra Jim Tucker que lidera o laboratório "The Division of Perceptual Studies" da Escola de Medicina da Universidade de Virginia nos EUA desde o ano de 2014.
Esta unidade de investigação do departamento de psiquiatria da Universidade de Virginia foi fundada pelo professor Ian Stevenson em 1967 com o objectivo de "investigar de uma forma científica e empírica os fenómenos que sugerem o carácter limitado das atuais ideias científicas sobre a natureza da mente ou da consciência, bem como a sua relação com a matéria". As principais áreas de pesquisa deste laboratório são as experiências de quase-morte e sobretudo o legado de Ian Stevenson nas crianças que se recordam das suas vidas passadas. Da análise já efetuada, Jim Tucker encontrou alguns padrões sobre o fenómeno: As crianças que se lembram das suas vidas passadas têm entre 2 e 6 anos e em 60% dos casos são do sexo masculino; Cerca de 70% delas afirmam que a sua morte física na vida anterior ocorreu de forma violenta ou devido a causas não naturais quando ainda eram relativamente novos - média de idade 28 anos; 20% das crianças revelam marcas de nascimento ou deformidades físicas que são compatíveis com marcas ou ferimentos provocados durante o acontecimento que levaria à sua "morte" na vida anterior; 90% afirmam que na vida passada seriam do mesmo sexo que na atual; A média de tempo que medeia entre a "morte" e o renascimento é em média de 16 meses; 20% das crianças relata memórias do tempo entre vidas.
Um dos casos estudados por Jim Tucker foi publicado na edição de Março de 2016 da revista científica Explore. Trata-se do caso do menino James Leininger, uma criança Americana nascida em 1998 e que aos 2 anos começou a revelar um fascínio por aviões. Tudo parece ter começado numa visita que realizou com o pai a um museu de aviação perto de Dallas, no Texas. James ficou tão encantado pelos aviões, sobretudo pela colecção da II Guerra Mundial, que desenvolveu uma fixação por tudo o que a eles se relacionava. Revelava um conhecimento tão aprofundado sobre alguns dos detalhes dos aviões da II Guerra Mundial que corrigiu o narrador de um documentário do Canal de História que tinha identificado de forma errada o tipo de um avião Japonês. Não demorou muito para que o menino começasse a ter pesadelos em que gritava: "Avião destruído! Avião em Chamas!" Em conversas com a mãe, James relacionava esses episódios com algo que teria acontecido no passado, em que o seu avião teria sido abatido pelos Japoneses e despenhara-se em chamas. Afirmava que outrora também se chamara James e que havia pilotado um "Corsair" - um avião desenvolvido durante a II Guerra Mundial - e que levantara voo a partir de um barco chamado "Natoma". O seu pai procurou na internet por este navio e descobriu que existira um pequeno porta-aviões "USS Natoma Bay" e que tinha estado estacionado no Pacífico durante a II Guerra Mundial. James recordava-se também de um outro piloto que voava ao seu lado chamado Jack Larsen e ao ver um livro sobre a lendária batalha da conquista da ilha de Iwo Jiwa pelos aliados indicou de pronto que tinha sido naquele lugar que o seu avião se havia destruído.
O pai entrou em contacto com um grupo de veteranos do "Natoma Bay", participou mesmo em algumas das reuniões que realizavam, descobrindo alguns detalhes que coincidiam de forma surpreendente com as informações que filho relatara: O único piloto daquele navio que morrera durante a batalha de Iwo Jima tinha sido um rapaz de 21 anos da Pensilvânia chamado James M. Huston, Jr; O seu avião despenhara-se da forma como James descrevera; Jack Larsen era o piloto que voava a seu lado na formação de voo no dia em que foi abatido.
No artigo científico citado, Tucker refere que "este caso envolve um rapaz que apresenta um comportamento que sugere que estava a recordar um momento traumático. Para além disso, ele demonstrava um conhecimento sobre eventos ocorridos há cinquenta anos quando ainda não era nascido. A precisão das suas declarações foram documentadas ainda antes da personalidade anterior ter sido identificada", o que o habilita para a análise científica realizada. Depois de percorrer outras possíveis explicações para o fenómeno, tais como fraude, fantasia, conhecimento das informações por vias normais ou mesmo habilidades PSI, Tucker refere: "A documentação no caso James Leininger oferece evidência de que ele tinha uma ligação a outra vida do passado. Sendo assim, a explicação mais óbvia para esta ligação é que ele teria vivido como James Huston, Jr. antes da sua vida atual.

Um dos casos estudados por Jim Tucker foi publicado na edição de Março de 2016 da revista científica Explore. Trata-se do caso do menino James Leininger, uma criança Americana nascida em 1998 e que aos 2 anos começou a revelar um fascínio por aviões.

Neste caso, os factos indicam que esta explicação merece consideração séria." Em conclusão ao seu artigo, Tucker faz o seguinte comentário reforçando a importância da divulgação destes fenómenos: "Os pesadelos e as experiências pós-traumáticas que James apresentou são típicas do comportamento que estas crianças apresentam, mostrando como podem ser difíceis e conflituosas estas aparentes memórias para elas. Compreender como se pode fazer a integração entre as aparentes memórias com a componente emocional e comportamental que estas crianças revelam pode ser muito útil às famílias, especialmente nas situações em que os pais tendem a rejeitar a possibilidade de uma ligação a outra vida. O conhecimento da existência de casos como o de James, que contêm documentação que sugere uma ligação forte entre os eventos de uma vida no passado e as aparentes memórias que a criança revela, podem ajudar os pais a desvalorizar menos as informações que os filhos lhes dão, tornando-os mais capazes de os ajudar ao longo desta experiência."

Por Carlos Miguel

Educação para a morte e os direitos dos adultos

Com o aparecimento do espiritismo surgiu uma nova visão da educação. A educação espírita é já reconhecida como um enorme contributo para a evolução do ser, seja na transmissão de conhecimentos dentro do centro espírita, seja na aplicação de uma nova pedagogia nas escolas.

foto ulisses.com.pt

Atualmente, os direitos das crianças fazem parte de um código mundial, ético e moral, que todos subscrevem e defendem sem limitações: direito à não discriminação, direito à sobrevivência e desenvolvimento, a ter opinião e a participar, direito a defender tudo o que lhe diga respeito e se considere do interesse superior da criança (CDC).

É pois com entusiasmo que assistimos a verdadeiras mudanças no paradigma educacional, vendo surgir alguns projetos inovadores, tanto no âmbito da pedagogia espírita, como na criação de novas escolas cujos métodos de ensino visam o desenvolvimento integral da criança, físico, psicológico, social e espiritual.

Porém, uma preocupação emerge célere: e os direitos daqueles que por envelhecimento do corpo, reconhecem que a morte se aproxima? Que direitos lhe têm sido preservados? Que preocupações e que propostas tem o movimento espírita para acudir aos milhares de idosos imersos na solidão da antevisão da morte?

O aumento da expectativa de vida e a diminuição da mortalidade fez com que o índice de envelhecimento , em Portugal, duplicasse de 65,7% em 1990 para 138,6% em 2014 (dados: INE – PORDATA). A população portuguesa é maioritariamente idosa. E se do ponto de vista económico e social isto é causa para inquietação, para nós espíritas, há uma missão a cumprir no esclarecimento e no atendimento urgente!

O envelhecimento deve proporcionar o despreendimento gradual do corpo, constituindo-se numa oportunidade para reflexão sobre a vida imortal. E o espiritismo, que veio comprovar a imortalidade da alma através dos factos mediúnicos, que não é mera filosofia, mas sim uma lei da natureza, deve promover junto dos que "aguardam pela morte" atividades que contribuam para o seu amadurecimento espiritual.

Sem dúvida que o espiritismo pode e deve contribuir para mudar a sociedade, tratando de intervir junto dela com escolas, centros de atendimento, encontros, debates e outras atividades que acompanhem, esclareçam e preparem os mais velhos para a morte.

Tal como há escolas preocupadas com a educação das crianças e jovens, preparando-as para mais uma vida corporal, assim deveriam existir escolas que eduquem e preparem os mais "vividos" para a morte do corpo físico. Escolas ou locais de encontro que possam ir além da transmissão de conhecimentos espíritas (essenciais, por certo, no combate ao medo da morte), mas que sobretudo colaborem para a autoavaliação de cada um, proporcionando momentos de serenidade, com a certeza de um futuro que para todos é de esperança e felicidade.

A educação espírita dos que se aproximam, pela idade avançada ou pela doença, da morte do corpo físico vai facilitar o retorno daqueles à pátria espiritual. Vai contribuir para desmistificar certas crenças religiosas que permanecem enraizadas na nossa sociedade, do céu e do inferno como locais eternos de purificação ou expiação. Crenças que impedem os homens de se libertarem dos dogmas do passado e encararem com responsabilidade que cada um é o seu próprio juiz, que cada um pode alcançar uma vida de beatitude, bastando para isso a perseverança em dominar as suas paixões e manter a fé no amor divino.

Sem dúvida que o espiritismo pode e deve contribuir para mudar a sociedade, tratando de intervir junto dela com escolas, centros de atendimento, encontros, debates e outras atividades que acompanhem, esclareçam e preparem os mais velhos para a morte.

Não é a velhice, um momento no tempo da vida física, a época onde os adultos se encontram mais sós, mais afastados da vida social, menos próximos das famílias? E por isso, não são estes a precisar da nossa intervenção mais urgente? Quem melhor que nós, espíritas, para defender o direito de morrer com dignidade ? Quem estará mais preparado para promover, juntos dos esquecidos pela sociedade materialista, os direitos: ao conhecimento, à qualidade de vida (ter casa, alimentação e cuidados saúde, tais como se defende para as crianças), à afeição e ao carinho dos semelhantes, a partir para a vida espiritual, sabendo que os esperam familiares e amigos que já partiram?

Unamo-nos em defesa da vida, seja ela na infância, seja ela no final de uma encarnação! Vamos colaborar para a promoção dos direitos dos velhos! Poderemos atingir essa idade, e nenhum de nós, espírita ou não, consegue "partir" e ser feliz, sem se sentir amado.

Texto: Regina Figueiredo

Amor, perdão e saúde

As mais recentes pesquisas, no campo da psicologia e da biologia nos apontam caminhos fáceis para o bom viver.

foto ulisses.com.pt

Viver bem significa ter saúde social, corporal, biológica e espiritual.
Pois todos esses estados são atingidos a partir de um controlo das nossas emoções e do desenvolvimento dos bons pensamentos.
Uma investigação recente, realizada por Candace Pert, PhD. em Biologia, autora do livro ”Moléculas da Emoção”, revelou que os pensamentos de amor, harmonia e felicidade fortalecem o nosso sistema imunológico, dando razão ao dito popular segundo o qual quem ama não adoece.
Se é verdade que esse dito não pode ser considerado absoluto, é certo, por outro lado, que o sentimento de amor, fortalecendo o nosso sistema imunológico, nos torna mais fortemente protegidos contra os inimigos externos, vírus e bactérias causadores de doenças.
Por outro lado, o cultivar ódios, ressentimentos, inveja, nos enfraquecem por debilitarem nossas defesas.
No dizer de biólogos da última geração como Bruce Lipton, o que mais nossas células temem são as nossas emoções.
Assim, sabemos que guardar mágoas e ressentimentos é uma das mais eficientes maneiras de ficarmos presos a quem nos magoou. É tudo o que não queremos.
Se desejamos o mal de alguém, se cultivamos ódios, esses pensamentos talvez cheguem a seu alvo. Mas o certo, é que antes de chegar ao outro, se chegarem, terão transitado por nós, causando efeitos altamente negativos.
Assim, perdoar, no sentido de esquecer, melhor ainda, deletar ofensas passadas é uma forma inteligente de libertação.
Boas emoções produzem alimentos saudáveis para nossas células. Daí sabermos que a crença nos nossos objetivos, o foco nos nossos ideais, são o caminho da realização. São a maneira de produzir energia capaz de nos fazer chegar a nossos ideais.
Somos os arquitetos de nosso destino e a causa do nosso sucesso. Criá-lo é questão de saber usar a nossa mente, de acreditar nas nossas possibilidades. Devemos crer para criar.
Podemos observar em Jesus, Gandhi, Kardec, para citar três mensageiros do alto, o conselho para que ódios sejam esquecidos e que o perdão seja cultivado.
Pois a ciência contemporânea, confirmando o evangelho, demonstra à sociedade que perdoar faz bem à alma, que recalcitrantes teimam em negar, mas, também, ao corpo, que nenhum materialista nega.
Sabe-se, hoje, pelos modernos experimentos da neurociência, que o nosso cérebro físico não sabe a diferença entre o que vê e o que recorda. Interessante observar que nós sabemos e buscar em “O Livro dos Espíritos” e nas obras de Francisco Cândido Xavier, quem é esse que sabe além do que o cérebro alcança. Sabemos ser o espírito.
Mas, retomando o aspeto puramente biológico, como o cérebro não distingue vivência atual de recordação, é consabido que ao recordarmos acontecimentos negativos, estamos ativando as mesmas redes neurais que se conectaram por ocasião da ocorrência do facto. Estamos produzindo os mesmos químicos que a vivência do momento lembrado gerou a partir do nosso hipotálamo.
Se forem lembranças boas, estaremos beneficiando as nossas células com esses produtos. Se forem más, envenenando-as.
Faz sentido bioquímico o dito popular: Recordar é viver.
Nesse sentido, podemos lembrar o filósofo Séneca que, em carta a um amigo, conta que havia estado bastante doente e o que, sem dúvida, constituiu o fator fundamental da sua recuperação foram as lembranças de agradáveis conversas que haviam entretido.

Somos os arquitetos de nosso destino e a causa do nosso sucesso. Criá-lo é questão de saber usar a nossa mente, de acreditar nas nossas possibilidades. Devemos crer para criar.

Paralelamente, lembranças ruins trazem efeitos destruidores.
Então, por questão de busca da saúde orgânica, devemos perdoar.
Esse perdoar é mais do que apagar, pois apagar é um verbo associado a coisas antigas como o uso da borracha. Apagar deixa marcas que podem ser revividas.
A linguagem moderna nos ensina que perdoar é deletar; excluir do campo da consciência e, quando o nosso computador a serviço de nossa evolução nos perguntar: “Deseja esvaziar a lixeira?” A resposta adequada será sempre “sim”.
Pois o maior conhecedor da alma humana que foi Jesus já sabia disso e não por outra razão nos ensinou a perdoar sempre.
Perdoar é libertar-se. É um direito à libertação que assiste a quem perdoa e não a quem é perdoado.
Estamos chegando a um importante estágio da nossa evolução em que entendemos que seguir o evangelho é adotar uma atitude inteligente; estudar e entender Kardec é ampliar o conhecimento, numa aproximação cada vez maior da verdade que liberta.
Por isso, podemos escrever uma nova equação: conhecimento científico + conhecimento espiritual = sabedoria.

Texto: Moacir Lima

AVC espiritual?

Mais um dia de trabalho para o Joaquim, no Hospital central onde é psiquiatra. O dia chuvoso trouxe-lhe poucos doentes. Entretanto, foi chamado para ver um doente que tinha entrado nas urgências com um AVC (acidente vascular cerebral).
Perguntava-se ele: "Para um psiquiatra?"

foto ulisses.com.pt

Habituado às idiossincrasias diárias da vida de um médico psiquiatra, que praticamente já vira de tudo, lá disse à auxiliar que podia mandar entrar o doente com o AVC, mas que aquele assunto não era da sua especialidade.
A enfermeira e a auxiliar insistiam que aquele AVC era "diferente", pois tinha sido visto pelos médicos da urgência e, o doente não tinha nada, e quando é assim... manda-se para o psiquiatra!
Joaquim contava as horas para sair do serviço, e regressar ao aconchego do lar, revendo os familiares.
O doente lá entrou e, depois de examinar atentamente o registo do doente, de facto, aparentemente o doente não tinha qualquer patologia, pensava Joaquim. No entanto, o mesmo aparentava todos os sinais de um AVC.
Um familiar que o acompanhava, disse que o doente costumava ter umas situações "esquisitas", "Sabe Dr. parece daquelas coisas, que se fala por aí..."
Joaquim perguntou que coisas: "Aquelas coisas de médiuns... já ouviu falar? Às vezes dá-lhe estas coisas, sabe, sr. Dr..?!".
"Hummm...." Foi a resposta discreta do médico.
De repente, fez-se-lhe luz.
Joaquim, além de médico, psiquiatra, era um entendido e estudioso da mediunidade (percepção extra-sensorial) e da doutrina espírita (ou espiritismo), e as coisas começaram a compor-se no seu "puzzle" mental.
Joaquim apercebeu-se que o doente apenas era um médium deseducado, sem conhecimento da faculdade que possuía (o sexto sentido ou mediunidade) e daí os achaques e as doenças-fantasma.
Joaquim, apercebendo-se pela sua sensibilidade espiritual, da presença de um ser já falecido junto do doente, começou a falar com o ser falecido (embora o doente e o familiar pensassem que o médico falava com o doente) e, foi mentalmente pedindo ajuda espiritual para aquele ser que teria falecido com um AVC, e cujos sintomas o doente, médium sem saber, captava telepaticamente.
Passados uns dez minutos de evangelização e apelo à confiança em Deus, o doente foi recuperando a lucidez, até voltar ao "normal", enquanto o falecido com um AVC era recolhido pelos amigos espirituais do médico (guias ou anjos da guarda).
Joaquim informou o doente que estava tudo bem e que podia ir para casa, que não se preocupasse e, pese o alívio do mesmo, o seu familiar não se conformava: "Mas, óh, Sr. doutor, não lhe vai receitar nada?".
Joaquim, habituado à psicologia do quotidiano ripostou: "Olhe, a sr.ª acredita naquelas coisas, que falou há pouco?"
"Acredito sim, sr. Dr."
"Então pegue no seu familiar e leve-o a um centro espírita, na localidade X, que lá ele pode ser ajudado, pois o caso dele não é físico mas espiritual".
O sorriso da esposa do doente (como que dando a entender, até que enfim que alguém me entende) foi o melhor pagamento que o médico poderia ter naquela noite chuvosa.
E enquanto o doente e a esposa se despediam no meio de mil agradecimentos, Joaquim, médico, psiquiatra, espírita desde pequeno, ficava a meditar em quanto sofrimento haverá por esse mundo fora, com pessoas, cuja doença é apenas serem portadoras de uma faculdade espiritual (mediunidade, sexto-sentido ou percepção extra-sensorial) que os psiquiatras que não conhecem o espiritismo, rapidamente etiquetam de psicóticos e encaminham para um internamento desnecessário.
Naquela noite, Joaquim tinha tratado o seu primeiro "AVC espiritual", pensava ele, sorridente e, agradecendo a Deus a oportunidade de ser útil àquele ser humano.
Estamos em crer que, um dia, os currículos de medicina contemplarão as faculdades espirituais do ser humano, a fim de não serem catalogadas como patologias.
Que venha depressa esse tempo...

O doente lá entrou e, depois de examinar atentamente o registo do doente, de facto, aparentemente o doente não tinha qualquer patologia, pensava Joaquim. No entanto, o mesmo aparentava todos os sinais de um AVC.

Texto: José Lucas

Notáveis casos de Chico Xavier

Estamos perante um pequeno livro que nos relata cerca de 40 episódios da vida extraordinária de Francisco Cândido Xavier.
Vários desses episódios já são conhecidos, pois também foram testemunhados por pessoas que conviveram com o saudoso e inolvidável mineiro de Pedro Leopoldo.
Editado pela GEEM – Grupo Espírita Emmanuel no corrente ano – 2016 – diz-nos Caio Ramacciotti na sua apresentação: «O livro nos traz oportunos depoimentos do autor em sua longa convivência com Chico Xavier» e «Os seus relatos são singulares pela simplicidade com que o Chico no-los ofereceu, por meio do agradável texto do autor».
Se estes casos não tivessem sido registados pelo Dr. Oswaldo de Castro (odontólogo, cirurgião plástico e homeopata), no presente livro, muito dos factos da vida do médium seriam desconhecidos dos homens e teríamos perdido para sempre a oportunidade de os conhecer. Esses episódios biográficos são muito importantes para sabermos mais sobre a mediunidade impressionante de Chico, mas sobretudo conhecermos a grandeza do seu carácter, que se manifestava nos mais singelos gestos para com o próximo.
Informamos que Oswaldo de Castro foi um dos médicos de Chico Xavier, hoje com 92 anos, que nunca se quis expor ou promover, trabalhava discretamente no silêncio. Temos estes testemunhos graças a solicitações reiteradas dos amigos, nomeadamente de Nena Galves.
Os testemunhos de Oswaldo são também um subsídio necessário para conhecermos melhor a vida e a mediunidade do então jovem Waldo Vieira (1932-2015). Waldo foi colega e amigo de Oswaldo, quando ambos estudavam medicina na Universidade de Uberaba. E foi o Waldo que o apresentou a Chico Xavier em 1959, ano em que Chico chegou a Uberaba. Desde esse ano, Oswaldo, manteve sempre contacto com o abnegado médium até ao seu desencarne em 2002.

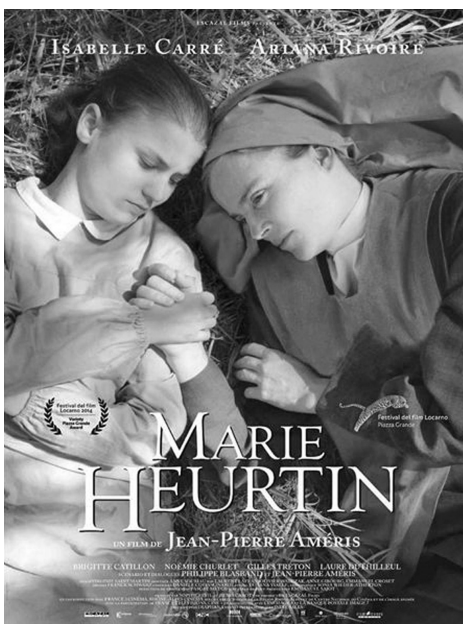
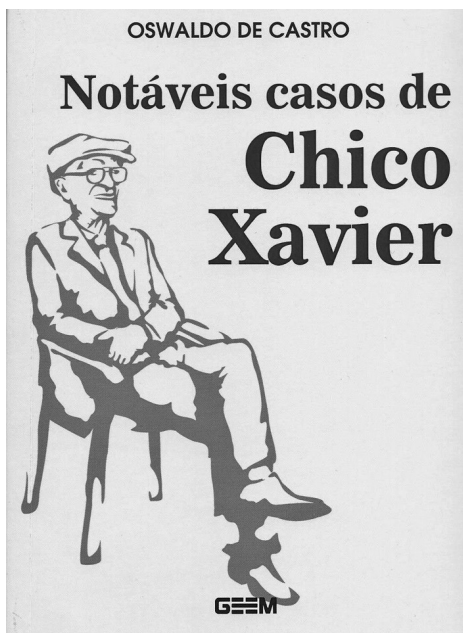
O Dr. Oswaldo e sua esposa Terezinha, hoje já desencarnada, com Chico e Waldo, iniciaram as sessões de desobsessão da Comunhão Espírita Cristã, de que foram regulares participantes até se mudarem para São Paulo. Em São Paulo, por orientação do abnegado médium, foi um dos fundadores do Centro Espírita União (CEU) dirigido por Nena e Francisco Galves.
Ficamos a saber que Chico sofreu terrivelmente, da próstata por causa dum tumor que lhe dificultava a micção, e também em paralelo duma hérnia inguinal, de longa data. Em Agosto de 1968, fez em simultâneo duas cirurgias no Hospital de Santa Helena, São Paulo, com a presença e colaboração do cirurgião Oswaldo de Castro.
Vamos apenas registar alguns episódios no hospital, relatados pelo seu médico que nos demonstram a inusitada e grandiosa mediunidade de Francisco Cândido Xavier, bem como a sua grandeza moral.
Quando chegou ao quarto onde ficaria instalado, Chico descreveu aos amigos mais íntimos a visão de equipamentos dispostos nos quatro cantos do quarto, que tinham finalidades diversas para benefício dos doentes e que segundo o espírito de Bezerra de Menezes, foram o resultado das preces feitas em favor do doente que o antecedeu.
No período pós-operatório, foram mantidos aparelhos fluídicos-espirituais com a finalidade de assepsiar o ar do quarto até à retirada da sonda. Nessa altura o Chico chorava muito, não de dor física, como esclareceu aos amigos preocupados, mas de comoção, pois os Espíritos faziam fila para visitá-lo, o que o emocionava muito. Tal facto mostra-nos o respeito e a reverência que os Espíritos tinham pela pessoa do médium de Pedro Leopoldo, agora de Uberaba.
Antes de deixar o hospital, fez questão de percorrer as suas dependências para cumprimentar todos os doentes e funcionários. Por onde passava deixava o ambiente impregnando de perfume. E, Oswaldo diz-nos que Chico fez questão de ir à cozinha despedir-se e agradecer a todos os empregados.
Estes são alguns dos «Notáveis casos de Chico Xavier».

Texto: Carlos Alberto Ferreira

A linguagem do coração

As primeiras cenas do filme apresentam-nos uma adolescente de 14 anos divertida com o jogo do esconde-esconde que a luz do Sol parece fazer com as folhas das árvores.
Quando o plano se afasta, percebemos que ela brinca amarrada em cima de uma carroça conduzida por um homem que a olha de uma forma ternurenta mas angustiada. A menina é Marie, o homem é o seu pai, um humilde artesão incapaz de educá-la ou descobrir uma forma de estabelecer uma ligação à filha, surda e cega de nascença. Como último recurso para evitar colocá-la num asilo, decide entregá-la aos cuidados do Instituto Larnay, onde uma ordem de freiras católicas dirige uma escola para meninas surdas. Só que Marie surge perante a madre superiora como um desafio educativo que se encontra para além das possibilidades da escola e, desconfiando das capacidades mentais de alguém que parece um selvagem, rejeita cuidar dela. Só que a irmã Marguerite, sensibilizada por aquela alma aprisionada na escuridão e no silêncio, consegue demover a intransigência da madre superiora e responsabiliza-se pela educação de Marie. Contra todas as expectativas, munida de uma generosa dose de resiliência e depois de muitos meses sem progressos visíveis lutando de peito aberto contra o desânimo e a frustração, Marguerite consegue estabelecer uma ligação emocional com a menina para depois ensiná-la a usar o toque e a linguagem gestual como forma de comunicação. Parece que vemos Marie nascer no momento em que descobre que era possível fazer-se entender e dar expressão a tudo o que sentia à sua volta, inclusive emoções e sentimentos, libertando-se do isolamento a que tinha estado confinada durante 14 anos.
Este filme francês é baseado na história real de Marie Huertin, nascida no último quarto do século XIX e que é conhecida como a Helen Keller Francesa. Helen Keller, autora e ativista Americana, tornou-se a primeira mulher cega e surda a obter um curso superior - o percurso deste extraordinário ser humano, juntamente com a sua professora surda Anne Sullivan, está imortalizado no belíssimo filme de 1962 "The Miracle Worker" que arrebatou dois óscares da academia. Ao contrário de Helen, que perdeu os dois sentidos aos dois anos devido a escarlatina ou meningite, Marie nasceu cega e surda, e com a preciosa persistência da irmã Marguerite foi capaz de superar as suas limitações aprendendo braile, história, geografia, sabia costurar e tricotar, e tornou-se professora de outras meninas cegas e surdas que passaram a frequentar o Instituto Larnay, que ainda hoje se encontra em atividade.
A esmagadora maioria da informação que o ser humano recebe é visual ou auditiva. A privação destes dois sentidos cria condições muito limitativas não apenas para a comunicação mas também para o desenvolvimento do indivíduo. Dependente de alguém para poder sair do seu isolamento e conseguir organizar o meio que está à sua volta, o tacto passa a ser o sentido que é necessário desenvolver para sentir e compreender o mundo mas também para se manifestar e interagir com ele. O realizador Jean-Pierre Améris criou um filme inspirador, de uma beleza e sensibilidade raras, que, tendo o tema da deficiência como veículo condutor da história, trata sobretudo da capacidade que a alma humana detém para ultrapassar as barreiras ciclópicas que a impedem de expressar a sua luz. Ainda mais além, é um filme que mostra as distâncias abissais que o amor pode percorrer na esperança de conseguir fazer brilhar as luzes ofuscadas pela escuridão, pelo silêncio mas principalmente pela ignorância e preconceito. No amor não existem impossíveis porque nas palavras de Paulo o amor "tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta". Foi o amor de Marguerite, a sua disponibilidade para ir além de si mesmo, que libertou Marie. É essa potencialidade do amor que se encontra representado no título bastante feliz que o filme teve em Portugal: "A Linguagem do Coração".

Título Original: "Marie Huertin"
Realizado por Jean-Pierre Ameris
Elenco: Isabelle Carre, Ariana Rivoire, Brigitte Catillon
França, 2014 – 93 min.

Por Carlos Miguel

IMPRESSÃO DIGITAL

Entrevista a frequentadores

foto direitos reservados

Margarida conta 49 anos e é professora. Conheceu o espiritismo através de amigos e conhecidos, em conversa que começou por ser informal, num bar da Foz do Arelho.

Como conheceu o espiritismo?
Margarida - Se não me engano estávamos no ano 2000. A conversa começou de forma banal, mas rapidamente se encaminhou para o espiritismo, provavelmente porque uma das pessoas tinha começado a frequentar um centro.
Ouvi atentamente falar num lugar onde se davam palestras, no entanto fiquei "de pé atrás", a pensar que deveria ser uma seita. Por via das dúvidas, e porque havia algo que fazia sentido, decidi experimentar, ouvir e tirar as minhas próprias conclusões.

Frequenta algum centro espírita?
Margarida - Já frequentei os centros de Caldas da Rainha e neste momento frequento o de S. Brás de Alportel "Asas do Ser". Ambos têm um trabalho meritório de retaguarda, com a dedicação de seres humanos preocupados em evoluir e ajudar outras pessoas a caminhar com esperança.

Qual a sua opinião acerca do «Jornal de Espiritismo»?
Margarida - O «Jornal de Espiritismo» é um bom veículo de transmissão de informação acerca de uma doutrina que pode ajudar a compreender melhor o sentido da vida, para além de aliviar sofrimentos desnecessários.

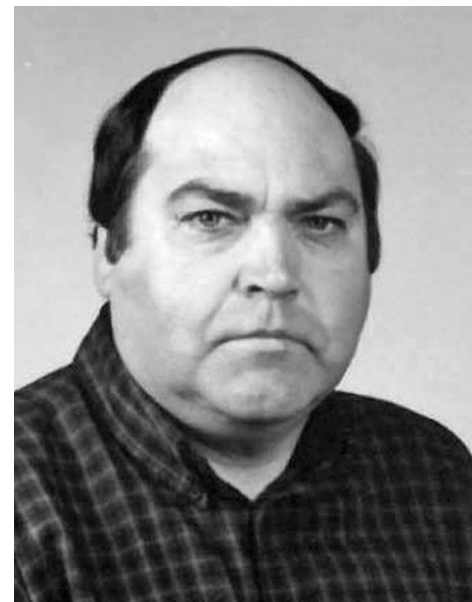
Do que já conhece do espiritismo, ele mudou alguma coisa na sua vida?
Margarida - O espiritismo mudou a minha vida no dia em que ouvi a primeira palestra, transmitida pelo meu amigo Lucas. Pela primeira vez a vida passou a faz

Entrevista a dirigentes

foto direitos reservados

Carlos Amável dos Santos Valente tem 68 anos e foi comerciante. Colabora com a Associação Espírita Luz e Paz, de Aveiro.

Como conheceu o espiritismo?
Carlos Valente - Desde criança que tenho a percepção do plano espiritual e tinha doenças inexplicáveis para a medicina. Depois, com cerca de 25 anos, a minha mulher todos os dias às 14h00 começava a ter um ataque cardíaco que passava após algum tempo.
Ao fim de cerca de um mês depois de várias experiências, tive acesso a um livro espírita e comecei a procurar mais e a entender. E hoje ainda continuo a procurar saber cada vez mais e a transmitir a outras pessoas.

O Espiritismo modificou a sua vida?
Carlos Valente - Totalmente. Nas mudanças em mim e na avaliação dos outros. Uma das mudanças que notei foi o controlo do nervosismo que antigamente não existia e em relação às pessoas sou mais compreensivo, não os julgando, mas entendendo-os.

Que livro espírita anda a ler neste momento?
Carlos Valente - Vários, essencialmente técnicos. Por exemplo "Nos Domínios da Mediunidade" ou "Passes e Curas Espirituais".

Sabia que?

AMÉLIA REIS

01 Na "Revue Spirite" de março de 1869, Allan Kardec publica uma curiosa carta de um grupo espírita de Ciudad Real, Espanha, que, planeando a publicação de um jornal espírita, lhe pedem permissão de nele publicarem extratos dos livros de Kardec, bem como a sua colaboração no referido jornal?

02 Numa das suas últimas encarnações, vivida no México, Joanna de Ângelis, à época Soror Juana Inês de la Cruz, possuía, na sua cela de convento, 4 mil livros, para além de vários instrumentos musicais e científicos?

03 Sendo a morte causada por velhice ou doença o desprendimento do Espírito ao corpo quase se completa antes da morte real, podendo, com a última batida do coração, o Espírito já ter recuperado a lucidez, tornando-se testemunha da extinção da vida do corpo?

04 Existem casos de desencarnações precoces que não estão inseridas em qualquer processo de resgate, tratando-se unicamente de Espíritos missionários que renascem na Terra com o objetivo de acordar seres a quem querem bem para a busca de mais amplos valores morais?

05 O guia espiritual de uma criança permanece junto dela até aos sete anos de idade, altura em que se completa a encarnação, continuando, a partir daí a protegê-la mas de uma forma menos exclusiva?

Infância

A flor da honestidade por MANUELA SIMÕES

Há muitos, muitos anos atrás, num país distante de todos os outros, vivia um príncipe lindo, muito honesto e correto. Estava quase a tornar-se rei, mas para isso teria de se casar. Tinha tudo para ser um bom rei, mas precisava casar. Certo dia, dispôs-se a procurar uma jovem para ser sua futura mulher. Resolveu organizar um concurso entre todas as jovens do reino para melhor fazer essa escolha.

Ziana, uma jovem filha de uma serva do palácio, também quis entrar nesse concurso, pois tinha um imenso e sincero amor pelo príncipe.

- Minha filha, não metas essa ideia na cabeça – disse-lhe a mãe. – Vão estar lá as mais belas e ricas jovens de todo o reino.

- Sei que vai ser assim, mãe! Mas, os poucos minutos que eu conseguir estar com o príncipe, já me tornará mais feliz – explicou a filha.

No dia do concurso, lá estavam realmente as jovens mais belas e ricas de todo o país, com belas roupas e joias espetaculares. A jovem Ziana, também lá estava.

O príncipe não perdeu tempo.

- Darei a cada uma de vós, uma semente. Aquela que, daqui a três meses, me trouxer a mais bela flor, será eleita para minha esposa e futura rainha do reino.

Ziana, cuidava com muita ternura e paciência da sua semente. O tempo passava e nada surgia no seu vaso. Fazia de tudo para que algo surgisse daquela sementinha.

À medida que os dias passavam, Ziana ficava cada vez mais triste, pois via o seu sonho perder-se para sempre.

Ao fim dos três meses, nada tinha cultivado. Mesmo com um vaso vazio e a esperança esgotada, apresentou-se no palácio para aproveitar mais uns momentos da companhia do príncipe.

Todas as jovens, bonitas e exuberantes como sempre, traziam no seu vaso flores de invejar. Existiam de todas as formas e cores, cada uma mais bela e perfumada do que a outra.

O príncipe chegou e observou com muita atenção todas as flores. No final, escolheu Ziana, a bela jovem filha da serva do palácio.

Todos ficaram embasbacados e sem nada entenderem o príncipe explicou:

- Ela foi a única que cultivou a flor que a torna digna de uma rainha, a flor da honestidade. Todas as sementes que entreguei eram estéreis. Elas não poderiam crescer no vosso vaso.

O príncipe e a jovem casaram e foram felizes e sinceros para sempre.

(Álvaro Magalhães, 100 Histórias de todo o mundo, 3ª edição, Edições ASA, 2011)

ÚLTIMA

Caldas da Rainha: uma mão-cheia de formações

O Centro de Cultura Espírita de Caldas da Rainha já está a divulgar as datas de uma série de cursos que propõe à população da região com a oferta de participação grátis.

É sempre aos sábados e as formações propostas tocam assuntos como o atendimento no centro espírita, como falar em público, o passe espírita, como esclarecer entidades espirituais e, claro, mais extenso, pois vai de setembro a maio, o curso básico de espiritismo.

Os mais pequeninos estão em primeiro lugar: o grupo infanto-juvenil que inclui crianças a partir dos seis anos de idade funciona aos sábados das 15h00 às 16h30. Inicia a 4 de junho e termina em 27 de agosto.

As demais formações vão nestes períodos: «O passe espírita» decorre de 24 de setembro a 19 de novembro; «Como palestrar» vai de 26 de novembro a 28 de janeiro; «Como doutrinar Espíritos» vai de 4 de fevereiro a 25 de março; «Saber fazer atendimento no centro espírita», de 1 de abril a 20 de maio. Todos estes iniciam às 17h00 e terminam às 18h15. O curso básico começa em 24 de setembro, das 15h00 às 16h15.

Porto: CECA inicia Grupo Infanto-juvenil em setembro

O Departamento Infanto-juvenil do Centro Espírita Caridade por Amor informa que estão abertas as inscrições para crianças e jovens participarem ativamente no estudo da doutrina espírita.

Esta participação faz-se mediante o estudo, o debate e a investigação em grupo, de temas de interesse dos participantes (adaptados às suas idades) e de carácter universal.

A Educação Espírita infanto-juvenil irá decorrer todos os sábados das 14h30 às 16h00, com início a partir de 17 de setembro de 2016.

Curso Básico de Espiritismo: vêm aí novas turmas

Setembro vem aí e com ele novas turmas presenciais de Curso Básico de Espiritismo estão a formar-se dia após dia.

Até ao fecho desta edição apurou-se que a Associação Cultural Espírita de Alcobaça (ACEA), Centro de Cultura Espírita de Caldas da Rainha (CCE), o Centro Espírita Caridade por Amor (CECA), no Porto, e a Associação Sociocultural Espírita de Braga (ASEB) já têm data de início.

Em Braga, a ASEB vai iniciar esta formação no dia 3 de setembro, sábado pelas 15h00. Por sua vez, na cidade do Porto, o CECA, deverá iniciar a 19 de setembro, segunda-feira, às 21h30, a primeira sessão. Em Caldas da Rainha, o CCE, marca para 24 de setembro, sábado, e, em Alcobaça, a ACEA sublinhou o 10 de setembro para dar o pontapé de partida do curso.

A exemplo do ano passado, sensivelmente pela mesma altura do ano, deverá haver turma também em S. João de Ver, próximo de Santa Maria da Feira, e na Federação Espírita Portuguesa, na Amadora, subúrbio de Lisboa.

O curso compõe-se atualmente de 12 capítulos e começa por referir os precursores e a fase histórica do surgimento da doutrina espírita. Aborda a mediunidade e o mundo espiritual, as vidas sucessivas e a pluralidade dos mundos habitados, as leis naturais e, entre outros temas, o caderno mais recente explora as afinidades entre espiritismo e ecologia.

Quem tiver interesse deve confirmar os dados junto das associações em fins lucrativos em causa e deve inscrever-se. É tudo grátis, mas há ficha de presença, pois em vários casos este curso é preliminar e condição necessária de acesso a outras formações posteriores.

É habitual nas associações espíritas haver outros cursos, de diversa índole, mas não temos de momento mais dados para informar sobre esse assunto.

CARTOON

curso básico de

ESPIRITISMO

ASSOCIAÇÃO	DIA	HORA	DATA DE INÍCIO
Associação Cultural Espírita de Alcobaça	Sábado	14h30	10 setembro
Associação Espírita Momentos de Sabedoria - Barcelos	Segunda feira	21h00	12 setembro
Associação Sociocultural Espírita de Braga	Sábado	15h45	10 setembro
Centro de Cultura Espírita de Caldas da Rainha	Sábado	15h00	24 setembro
Centro Espírita Caridade por Amor - Porto	Segunda feira	21h30	19 setembro

Caso alguma outra instituição inicie o Curso Básico de Espiritismo e tiver interesse na sua divulgação faça, por favor, chegar a informação à ADEP via mail para adep@adeportugal.com